

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Teologia
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Mestrado em Teologia Bíblica

MARIA JOSETE RECH

O SINAL DOS PÃES E A COMENSALIDADE EUCARÍSTICA
EM JO 6,1-15

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Bíblica.

Orientador: Prof. Dr. Ramiro Mincato

Porto Alegre

2006

MARIA JOSETE RECH

O SINAL DOS PÃES E A COMENSALIDADE EUCARÍSTICA
EM JO 6,1-15

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Bíblica.

Orientador: Prof. Dr. Ramiro Mincato

Aprovada em ____ de, dezembro de 2006, pela Comissão Examinadora.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. _____ PUCR/RS

Prof. Dr. _____ PUC/RS

Prof. Dr. _____

RESUMO

O ato de sentar junto com outros e comer dum mesmo alimento – o pão distribuído por Jesus, pode ser espaço de construção e reconstrução de novas relações humanas e com Deus. Por isso, se tem por finalidade analisar a perícopos Jo 6,1-15 – a multiplicação dos pães - na perspectiva da comensalidade Eucarística, através do método histórico-crítico, com o intuito de refletir e aprofundar as ações litúrgicas da mesma. Para tanto se toma como referência exegetas, teólogos biblistas como Charles H. Dodd, Xavier Léon-Dufour, John Dominic Crossan, Johan Konings e, sobretudo, Raymond E. Brown. A dissertação aponta para uma comensalidade Eucarística no Sinal dos pães, da narrativa joanina em comparação com os sinóticos. O ato de comer junto com outros o mesmo alimento, o pão, que Jesus distribuiu, pode ser compromisso de comunhão e participação dos seus gestos. Internalizar para dentro da nossa “carne” humana a ação, gestos e palavras, de Jesus - o Pão da vida cria e recria relações de solidariedade e gratuidade, de esperança e vida eterna.

Palavras-chave: Evangelho de João 6,1-15 - multiplicação dos pães – ação de Jesus - sinal – comensalidade – eucaristia

ABSTRACT

The act of sitting with others and sharing the same meal – the bread given by Jesus – may be the place for construction e reconstruction of new human relationships with God. Therefore the purpose of analysing the pericope of John 6, 1-15 – the feeding of the five thousand - in the perspective of the Eucharistic commensality, using the hictorical-critical method with the means of reflecting and deepening its liturgical actions. In the present case references were taken from exegetes and theological biblists such as Charles H. Dodd, Xavier Léon-Dufour, John Dominic Crossan, Johan Konings and especially Raymond E. Brown. The dissertation points towards an Eucharistic commensality in the sign of the bread, from the Joanine narrative in comparison with the synoptics. The act of sharing with others the same food, the bread which was distributed by Jesus, may be the compromise of communion and participation of His gestures. To internalize in our human flesh the action, gestures and words of Jesus – the Bread of life – creates and recreates relations of solidarity and gratuitousness, of hope and eternal life.

Keywords: Gospel of John 6,1-15 – The feeding of the five thousand – Action of Jesus – Sign – Commensality - Eucharist

“Em ti esperam os olhos de todos e no tempo certo tu lhes dás o alimento: abres a tua mão e sacias todo ser vivo à vontade.” (Sl 145)

“Quando o Senhor abençoa, pouco pão é suficiente para muitos!” (Maria Teresa Gerhardinger- Fundadora das IENS)

AGRADECIMENTOS

À **minha mãe**, a que primeiro me deu o pão, ao meu pai, minhas irmãs e irmãos que, na comensalidade do pão familiar permanecem unidos no amor.

Às **minhas amigas e meus amigos**, que estiveram sempre comigo nesta trajetória do Mestrado, me apoiando e me estimulando nos estudos.

Às **Irmãs Escolares de Nossa Senhora**, que me compreenderam neste processo formativo, para que eu pudesse concluir mais esta etapa acadêmica.

Ao **Professor Doutor Ramiro Mincato**, pela sua dedicação e valiosas apreciações sobre meu trabalho; que, aos poucos foi sendo um companheiro neste meu processo de aprendizagem e conhecimento.

Ao **Doutor Manuel Santos dos Santos**, à época na Coordenação do Programa de Pós-graduação, que soube me compreender sempre que foi necessário.

Aos meus **Professores do Mestrado**, cuja sabedoria e comprometimento contribuíram na construção de novos saberes.

Às **colegas e aos colegas de Mestrado**, pelos momentos compartilhados na realização das tarefas acadêmicas e de descontração.

A **todas as pessoas da Faculdade de Teologia e Pós-graduação**, da Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul, que direta e indiretamente favoreceram meu crescimento, pelo seu serviço e atendimento.

A **Deus**, a Comunidade Trinitária, que me acolhe e convida a participar da sua “mesa”, participar da dinâmica de acolher e oferecer, de dar e recebe a vida.

SUMÁRIO

RESUMO	3
ABSTRACT	4
AGRADECIMENTOS	6
SUMÁRIO	8
ABREVIATURAS	10
INTRODUÇÃO	11
1 A PERÍCOPE DE JO 6,1-15	15
1.1 Delimitação do texto.....	15
1.2 O gênero literário do texto.....	16
1.3 Comparando com os sinóticos.....	18
1.4 Elementos tradicionais e redacionais.....	25
2 O SINAL DO PÃO	29
2.1 O significado do “sinal”	29
2.2 Função do sinal do pão na estrutura narrativa	33
2.3 A comunidade joanina e seus conflitos	36
3 AS AÇÕES DE JESUS NO SINAL DOS PÃES	41
3.1 O sinal do pão: uma fonte eucarística.....	54
4 A COMENSALIDADE EUCARÍSTICA NO SINAL DOS PÃES	59
4.1 Os Elementos da Comensalidade Eucarística.....	60
4.1.1 Pessoas que acorriam a Jesus: <i>a "grande multidão"</i> (v.5).....	60
4.1.2 Jesus quer oferecer uma refeição: <i>"Onde compraremos pão para eles comerem "</i> (v.5b)....	61
4.1.3 Um convite à "mesa": <i>"Fazei que se acomodem."</i> (v.10).....	61
4.1.4 O alimento comum: <i>"os pães de cevada"</i> (v. 9).....	62
4.1.5 A ação de Jesus com os pães: <i>"Tomou, então, Jesus os pães..."</i> (v. 11).....	63
4.1.6 Jesus agradece o alimento pão: <i>"depois de dar graças..."</i> (v. 11).....	63
4.1.7 Jesus serve os comensais: <i>"distribuiu aos presentes, assim como os peixinhos..."</i> (v.11)....	64

4.1.8 Jesus serve os convivas: "...Tanto quanto queriam" (v. 11).....	64
4.1.9 Jesus cuida do alimento servido à mesa: " <i>Recolhei os pedaços...</i> " (v.12).....	65
4.2 O Significado dos Pães.....	66
4.3 Conseqüência Litúrgica.....	68
4.3.1 A preparação e o tempo litúrgico na comensalidade Eucarística	69
4.3.2 Os gestos litúrgicos da comensalidade Eucarística	70
4.3.3 O alimento pão da comensalidade Eucarística.....	71
CONCLUSÃO	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
ANEXO	83

ABREVIATURAS

AC	antes de Cristo
AT	Antigo Testamento
CELAM	Conselho Episcopal Latino-americano
cf	conforme
Cap	Capítulo
DV	<i>Dei Verbum</i>
dC	depois de Cristo
Ev	Evangelho
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
NT	Novo Testamento
Puebla	Conferência Episcopal Latino- americano
QE	Quarto Evangelho
v.(vv.)	Versículo(s)
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i>
SD	Santo Domingo

INTRODUÇÃO

O objetivo da presente pesquisa é analisar o texto da “multiplicação dos pães”,¹ em Jo 6,1-15, na perspectiva da comensalidade Eucarística, em vista de uma hermenêutica do próprio ato de comer em comunidade.

Para tanto, fizemos uso do método histórico-crítico para a interpretação bíblica, com ênfase sócio-histórico-cultural, por ser um método científico que ajuda a contextualizar o texto para melhor interpretá-lo hoje. Tomamos como auxílio vários autores bíblicos como Charles H. Dodd, Xavier Léon-Dufour, Johan Konings, John Dominic Crossan, sobretudo, de Raymond E. Brown, pela sua abrangência exegética - bíblico - teológica do Evangelho de João.

O exegeta John D. Crossan, quando desenvolve o tema da “comensalidade aberta”² a partir do Jesus histórico, diz que “(...) os antropólogos chamam de *comensalidade* – de *mensa*, palavra latina para “mesa”. Que *significa as regras de mesa e alimentação como modelos em miniaturas das regras de associação e socialização*”³ e cita os antropólogos Peter Farb e George Armelagos para apoiar a sua reflexão. Ao desenvolver a análise da multiplicação dos pães (Jo 6, 1-15), na perspectiva da comensalidade eucarística, também faremos uso das idéias desses antropólogos que dizem: “Em todas as sociedades, simples e complexas, o ato de comer é o modo básico de iniciar e manter relações humanas (...)”.⁴ De modo semelhante, Lee Edward Klosinski ao examinar a

¹ Nesta dissertação segue-se o texto original NESTLE-ALAND, *Novum Testamentum Graece*. 27 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2001. E a tradução da *Bíblia de Jerusalém*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2003.

² Cf. CROSSAN, J. D. *Jesus: uma biografia revolucionária*, p. 82.

³ CROSSAN, J. D. *Jesus*, p. 82.

⁴ FARB, Peter; ARMELAGOS, George. *Consuming Passions*, p. 4 e 211, Apud CROSSAN, J. D. *Jesus*, p. 82.

literatura sociológica, antropológica, intercultural e significativa sobre o alimento e o ato de comer, conclui: “Compartilhar a comida é uma transação que envolve uma série de obrigações mútuas e dá origem a um complexo interconectado de mutualidade e reciprocidade (...)”.⁵ Portanto, é com base nesses conceitos antropológicos que desenvolveremos o tema da comensalidade, na dimensão eucarística, conforme João.⁶

O Quarto Evangelho distingue-se dos evangelhos sinóticos. É tido como o Evangelho da Vida (6,35; 8,12; 11,25), da grande revelação do amor de Deus.⁷ Apresenta preocupação menos cronológica do que teológica dos eventos ligados a Jesus. No Prólogo desse evangelho (1,1-18) contém a chave da cristologia joanina (1,1. 14.18): “o Verbo era Deus” (v.1). “E o Verbo se fez carne,⁸ e habitou entre nós; e nós vimos sua glória, glória que ele tem junto do Pai como Filho único, cheio de graça e verdade” (v.14). Jesus é o Filho de Deus que, visivelmente, manifesta as obras do Pai, pela sua vida e ação, gestos e palavras (cf. DV 2).

Nesta análise, iremos deter-nos, especificamente, no cap. 6 do Evangelho de João, no qual Jesus acolhe e alimenta todos os que dele se aproximam (cf.vv.5.12) e, ele mesmo, distribui os pães de cevada (cf.vv. 9-11) aos convivas. Jesus manifesta-se pela comensalidade do pão, e dá-se a conhecer como o Pão da vida (cf.vv.35.48.51). Quem n’Ele crer e dele “comer” viverá para sempre (cf. 6,47-51). Assim indica João 3,16: *Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.*

⁵ KLOSINSKI, L. E. *The Meals in Mark – Ann Arbor, MI.*, p.56-58, Apud CROSSAN, J. D. *Jesus*, p. 83.

⁶ Ao dizer “João”, referimo-nos ao evangelho tal como chegou a nós, sendo ainda a autoria atribuída ao apóstolo São João, filho de Zebedeu, identificado com o Discípulo Amado, o qual o QE assinala como seu autor (21,24). Quando mencionamos “evangelista” referimos ao que reuniu os primeiros escritos do QE, de acordo com a experiência de fé da comunidade; ao mencionar “redator” nos referimos aos autores finais do mesmo. Tanto o evangelista como os redatores, possivelmente, não tenham pertencido ao círculo de Jesus histórico, da Galiléia, mas que possuíam o testemunho ocular do Discípulo Amado (cf.19,35).

⁷ Cf. LÉON, Domingo M. *Comentário Bíblico Latinoamericano*, p. 595s.

⁸ O sentido da palavra “carne” em grego: σάρξ [sarx] “está em oposição a pneuma, espírito, em 3,6, 6,63; em paralelo com haima, sangue, em 1,13 e, de Jesus, em 6,53.54.55.56. Na linguagem joanina σάρξ [sarx] significa que Jesus é o projeto de Deus feito realidade humana. “A descida do Espírito, que lhe dá capacidade de amor igual à do Pai, transforma sua “carne” realizando nele o modelo de Homem (“o Filho do homem”). A carne de Jesus torna-se alimento para o ser humano (6,51), ou seja, a fonte de vida (6,53ss). Cf. MATEOS, J. & BARRETO, J. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, p. 36. A “carne”, no sentido joanino, designa a humanidade em sua condição de fraqueza e de imortalidade (Gn 6,3; Sl 56,5; Is 40,6-8; Jo 3,6;17,2). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 274.

O pão em si, tem o sentido de alimento, pois, ele é feito para ser ingerindo e gerar vida e energia. Porém, hoje, na Eucaristia, ao tomarmos aquela pequena partícula com aparência de pão, parece que “enfraquecemos” o seu sentido como sinal de pão. Entretanto, Jesus, na multiplicação dos pães (Jo 6,1-15; cf. Mc 6,30-40), manifesta-se profundamente em favor da multidão: primeiro pergunta pelos pães, com os quais dará de comer à multidão (v. 5); segundo, provoca nos discípulos nova ação frente a realidade da multidão e aceita os pães de cevada que o menino trazia consigo (vv. 5-9); terceiro, pede para os discípulos acomodar a multidão no espaço gramado (v.10) e, após, dá graças e distribuí os pães aos convivas (v. 11). Por fim, quando todos estavam saciados, pede aos discípulos para recolherem os pedaços que sobraram, para que nada se perca (v.12). Jesus, portanto, pela sua própria vida e ação, parece introduzir e inaugurar um novo sentido a cada gesto que faz com o alimento pão. Ao agir assim, em favor da multidão, Jesus indica-nos os sinais sensíveis da comensalidade Eucarística. Suas atitudes indicam-nos que o alimento pão é um elemento essencial e significativo e que, através desse pão, se pode criar uma relação de comunhão com Ele.

Então, perguntamo-nos se a multiplicação dos pães remete à Eucaristia? Se o Sinal dos pães em João 6,1-15 aponta para uma comensalidade eucarística? Quais, então, seriam os elementos da comensalidade eucarística no Sinal dos pães? É o que pretendemos responder e explicar através deste estudo, porque acreditamos ser importante vivenciar intensamente cada ação litúrgica eucarística.

Contudo, esta análise pretende colaborar com as ações da comensalidade eucarística, por ser a Eucaristia fonte e ápice da vida da comunidade cristã (cf. SC 10). Tal fonte é expressão viva da fé em Jesus Cristo que necessita, porém, ser trazida à realidade da humanidade, hoje (cf. GS 3). As ações litúrgicas eucarísticas talvez precisem ser traduzidas em nosso corpo humano, através de gestos visíveis e concretos, que possibilitem a real transformação para e na vida cotidiana.

Tendo situado o nosso tema e objetivo, desenvolveremos nossa dissertação em quatro capítulos.

No primeiro capítulo faremos a delimitação do texto, em relação ao anterior e subsequente; identificação do gênero literário da perícopes no conjunto do Quarto Evangelho, mais propriamente, do Livro dos Sinais; a comparação da perícopes com os

Evangelhos Sinóticos e, posteriormente, detectaremos os elementos tradicionais e redacionais da mesma.

No segundo capítulo, buscaremos o significado de “Sinal” no Quarto Evangelho; a função do “Sinal do pão” na estrutura narrativa; e a formação e os conflitos da comunidade joanina, a partir de Raymond E. Brown.

Como terceiro capítulo, ressaltaremos traços da peculiaridade joanina, apresentando o texto, versículo por versículo, e os aspectos relevantes ao objetivo da presente pesquisa. Em seguida, retomaremos as ações de Jesus que remetem à Eucaristia, para assim adentrarmos no tema da comensalidade Eucarística, apontado no Sinal dos pães.

No quarto capítulo, como conclusão, apresentaremos os elementos indicativos da comensalidade Eucarística no “Sinal dos pães”, tendo em vista uma hermenêutica bíblica para as ações litúrgicas.

1 A PERÍCOPE DE JO 6,1-15

1.1 Delimitação do texto

O texto Jo 6,1-15 deixa explícito o começo de uma nova perícopie. O relato se desencadeia progressivamente. Vejamos:

No v.1 temos fórmula que dá a noção de movimento, *mudança temporal e espacial*, introduzido pela fórmula de passagem por Μετὰ ταῦτα [depois disso]. O Μετὰ ταῦτα faz uma clara ruptura com a perícopie anterior. Essa expressão, usual em João, denota um lapso de um período indefinido (cf. 2,12). Logo após à fórmula de passagem, determina-se para que lugar Jesus está se dirigindo (ἀπῆλθεν ὁ Ἰησοῦς πέραν τῆς θαλάσσης τῆς Γαλιλαίας τῆς Τιβεριάδος.[passou para a outra margem do mar da Galiléia de Tiberíades.]). O texto deixa em evidência, geograficamente, que Jesus não está mais em Jerusalém (cf. 5,1ss), mas na região do mar da Galiléia. Não se explica, porém, como Jesus regressou para a Galiléia, o que parece não interessar ao redator.

Os vv. 2-4 situam o lugar e o tempo na qual vai se dar o episódio, ou seja, a ação de Jesus. Portanto, os primeiros versículos (1-4) introduzem uma *mudança de estilo* ou gênero literário e apontam para um tipo diferente de exposição. Não é mais um discurso, conforme o texto anterior, e sim uma narrativa, que vem demarcando um *novo tempo* (v. 4).

Nos vv.5-14 segue o desenrolar do episódio, ou seja, das ações de Jesus. O v.15 demonstra que o protagonista retira-se sozinho, para o monte, encerrando assim o episódio.

O término da perícopie, contudo, está exposto na *ação do tipo partida* (6,15): Ἰησοῦς, ἀνεχώρησεν πάλιν εἰς τὸ ὄρος αὐτὸς μόνος. [Jesus,..., retirou-se de novo, sozinho, para a montanha].

A cena que segue no v.16 distingue-se de tempo, espaço e personagens (Ὡς δὲ ὀψία ἐγένετο κατέβησαν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ ἐπὶ τὴν θάλασσαν [Ao entardecer, seus discípulos desceram para o mar]). Demarca um outro momento e auditório. Aqui temos

não mais a grande multidão ou as cinco mil pessoas que estão em questão, mas os discípulos num outro espaço de tempo, dentro de um barco e sobre o mar.

Os poucos dados são suficientes para afirmar: o texto de 6,1-15 indica ser uma única perícopes, pois nela se confirma um início, meio e fim, dentro do conjunto do cap.6. A perícopes parece ser “a introdução” do capítulo 6. Após essa perícopes, segue outra narrativa e, posteriormente, o diálogo ou discurso de Jesus sobre o Pão da vida, concluindo assim um grande *assunto* trazido por Jesus, experienciado pelos discípulos e discípulas que o seguiam e interpretado pelo escritor.

1.2 O gênero literário do texto

As comunidades cristãs usavam certas formas para narrar os fatos. “Em função de suas necessidades a Igreja primitiva criou uma série de formas narrativas, tais como relatos de milagre, paradigmas, etc”.⁹ A comunidade primitiva era criadora, pois transmitia os fatos e ditos de Jesus a partir de sua própria fé e para sua fé. E, para alcançar este objetivo, dava uma forma e estes materiais, redigidos em aramaico e em grego.¹⁰ Os relatos de milagres que temos são formas narrativas da Igreja nascente. Nos Sinóticos encontramos várias formas de relato de milagres. Observa-se que a forma dos relatos dos milagres nos Sinóticos, se compararmos com João, a súplica do pedinte e as intervenções de Jesus é predominante.

Cássio Murilo Dias da Silva,¹¹ apoiando-se em Rudolf Bultmann propõe, para os evangelhos, a seguinte divisão: tradição da história e tradição da Palavra, afirma que na tradição da história está o material narrativo, no qual se encontram os feitos de Jesus: relatos de milagre, de vocações e de controvérsias.¹² Portanto, a narrativa da multiplicação dos pães Jo 6,1-15 é, pelo visto uma narrativa da tradição da história. Tem a estrutura de relato de milagre:

a) Introdução (descrição do ambiente e do encontro): vv. 1-4;

⁹ CARMONA, Antônio Rodríguez. *História das Formas*. In: O`CALLGHAN, José (Org.). *A Formação do NT*, p. 37.

¹⁰ CARMONA, A.R. *História das Formas*. In: O`CALLGHAN, J. (Org.). *A Formação do NT*, p. 37

¹¹ SILVA, Cássio Dias da. M. *Metodologia de Exegese Bíblica*, p. 206-210.

b) maiores detalhes (o problema e o esforço para superá-lo): vv.5-9;

c) a súplica do pedinte: v.5 (a grande multidão e nem os discípulos chegam a pedir). Jesus toma a iniciativa e ao mesmo tempo em que pergunta, já sabe o que vai fazer (cf.v.6);

d) a intervenção de Jesus: vv. 5b. 10.11.12b;

e) o efeito produzido: vv. 12-13;

f) a reação das atendidos: v. 14-15, e de Jesus em relação a eles: v.15.

Porém, a fórmula estrutural do relato de milagre em João possui certas particularidades, apresentando assim sua característica estilística própria:

a) Jesus começa fazendo a vez do pedinte e o que toma a iniciativa: Ele é quem vê a multidão e pergunta a Filipe onde conseguir o alimento pão para a multidão comer (v.5).

b) O vocabulário e o estilo, os gestos e as palavras de Jesus pertencem à linguagem peculiar da comunidade joanina. Pois, é peculiar do Ev. de João, Jesus agir pela sua própria iniciativa (cf. 2,4; 5,6).¹³

c) A linguagem simbólica é um aspecto importante na linguagem joanina. O pão e o peixe são alimentos que sustentam e dão vida. Mas, são também símbolos,¹⁴ pois a imagem do pão esconde realidades que representam um patrimônio de pensamentos para as concepções religiosas: pão era tido como símbolo das palavras da Torá, ou da Sabedoria.¹⁵ O pão, como o vinho e a água são símbolos muito antigos. O maná, o pão do céu, não é apenas uma bênção da era messiânica, na apocalíptica judaica, mas um símbolo do Logos

¹² SILVA, Cássio Dias da. M. *Metodologia*, p. 207.

¹³ Cf. TUÑI I VANCELLS, J.O. *Jesús en comunidad: el Nuevo Testamento, medio de acceso a Jesús*, p. 87s.

¹⁴ Por sua etimologia (do grego *sym-ballo*) o símbolo refere-se à união de duas coisas. Tem um “segundo sentido”, que o ser humano pode captar nas coisas de sua experiência fenomênica, ou um elemento desse mundo fenomênico que foi “transsignificado”, enquanto significa algo além de seu próprio sentido primário. Cf. CROATTO, J.S. *As Linguagens da Experiência Religiosa: Uma interpretação à fenomenologia da religião*, p. 84-89. Ou como diz LÉON-DUFOUR: “um símbolo une duas entidades, a que é imediatamente perceptível pelos sentidos e a invisível, que é visada; esta transparece imediatamente na primeira.” LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 24.

¹⁵ Cf. DODD, C.H. *A interpretação do quarto Evangelho*, p. 187. Para Dodd, a origem do pensamento joanino encontra-se próximo ao judaísmo helenístico, representado por Fílon. É o rico acúmulo de significado simbólico que se encontra no pão.

(cf. 1,14). De alguém que ama e é amado, que recebe e dá: “ter fé nele pertence à essência daquele conhecimento de Deus que é a vida eterna”.¹⁶

d) O caráter dramático e cênico¹⁷ é perceptível na narrativa. O modo como o evangelista deixa Jesus falar “é um procedimento literário enraizado no Antigo Testamento e no estilo da homilia judeu-helenista da diáspora”.¹⁸ Jesus não vem agir e ensinar coisas fora do mundo; revela o sentido profundo daquilo que ele próprio faz. Segue, contudo, o estilo dos profetas e que, por palavras e ações, ensina que o que ele faz é o que viu junto do Pai. E sua ação principal é dar a própria vida.¹⁹

“Na primeira parte, caps 1-12, que corresponde ao relato do ministério de Jesus nos outros evangelhos, a narrativa serve principalmente como arcabouço para uma série de discursos (diálogos e monólogos), todos eles relacionados com o tema dominante de vida eterna. Estes discursos são feitos para estarem ligados a um limitado número de livres secções narrativas, apresentando episódios seletos da vida de Jesus”.²⁰

Portanto, na perícopie em questão, destaca-se o gênero narrativo-dramático que, de acordo com Konings, é gênero literário de todo o Ev de João. Em Jo 6 existe uma unidade dramatúrgica: a narração serve de introdução (vv.1-15). O centro do drama é a discussão de Jesus com os judeus (vv. 26-59). Há o desenlace (vv. 60-71) que descreve uma dupla reação: decisão contra Jesus (a multidão, vv. 60-66) e a favor d’Ele (os discípulos, vv. 67-71). A narrativa faz parte da tradição histórica. Porém, a cena da multiplicação dos pães se torna símbolo²¹ em forma de narrativa, cujo significado ainda queremos demonstrar. Para isso prosseguiremos fazendo a comparação da narrativa joanina com a dos Sinóticos.

1.3 Comparando com os sinóticos

A narrativa da “multiplicação dos pães” indica pertencer ao material da tradição comum. Porém, o evangelista da comunidade joanina modifica e acrescenta elementos

¹⁶ DODD, C.H. *A interpretação*, p. 105.

¹⁷ Cf. KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p.19.

¹⁸ KONINGS, J. *Evangelho segundo João*, p. 20.

¹⁹ KONINGS, J. *Evangelho segundo João*, p. 20.

²⁰ DODD, C.H. *A interpretação*, p. 182.

²¹ Cf. DODD, C.H. *A interpretação*, p. 181-182.

necessários para a compreensão da própria comunidade e de seus leitores, dando assim uma característica distinta dos Sinóticos.

Para realizarmos a comparação com os Sinóticos, precisamos ter presente que o plano que estrutura o Ev. de João apresenta um cunho mais teológico do que histórico. “Não é biografia de Jesus (20,30), nem sequer resumo de sua vida, mas interpretação de sua pessoa e obra, feita por uma comunidade no seio da sua experiência de fé”.²² E, em relação com os Sinóticos, o que interessa é o significado dos fatos dentro da estrutura teológica joanina. Neste sentido procederemos.

A narrativa da multiplicação dos pães é um relato que aparece nos quatro Evangelhos, “substancialmente na mesma forma, somente com pequenas variantes de lugar e de circunstâncias”²³. Em Mc, como em Mt tal narrativa aparece duas vezes (Mc 6,32-33; 8,1-10 e Mt 14,13-21; 15,29-38). Sendo a primeira ocorrência da multiplicação dos pães seguida pela caminhada de Jesus sobre as águas. Lc e Jo narram a multiplicação dos pães apenas uma vez. Essa narrativa aparece seis vezes nos quatros Evangelhos. Portanto, a repetição da narrativa dos pães, nos evangelhos, indica sua importância nas comunidades cristãs nascentes e seu significado na estrutura de cada Evangelho.

Raymond E. Brown, desenvolvendo as idéias dos investigadores J. Weiss e Gärtner, estabelecendo a seguinte comparação.²⁴

Multiplicação para 5.000	Jo 6,1-15	Mc 6,30-44
Jesus caminha sobre o mar	17-24	45-54
(Passa-se logo até o final do segundo relato da multiplicação em Marcos, que aparece em 8,1-10.)		
Pedido de um sinal	25-34	8,11-13
Observações sobre o pão	35-59	14-21

²² MATEOS, J.& BARRETO, J. *O Evangelho de São João*, p. 6; Cf. BROWN, R.E. *El evangelio según Juan* I-XII, p. 55.

²³ BROWN, R.E. *Evangelho de João e Epistola*, p. 60.

²⁴ BROWN, R.E. *El evangelio según Juan*, p. 453.

Fé de Pedro	60-69	27-30
Tema a paixão e da traição	70-71	31-33

Portanto, diante deste quadro se percebe que a seqüência dos acontecimentos, em João, coincide de perto com os de Marcos, omitindo, porém, a segunda multiplicação.²⁵

Alguns especialistas afirmam que, a narrativa da multiplicação dos pães tem raízes profundas na tradição e João reproduz a tradição²⁶ e que há muitas indicações que sugerem que João conhecia as duas narrativas dos dois milagres em Marcos 6,35-44; 8,1-9, com diferenças claramente percebidas.²⁷ Brown, contudo, argumenta que, “em alguns detalhes, o relato de João parece mais próximo da primeira narrativa”.²⁸ Que em cada uma das três tradições há detalhes muito antigos e que foram sendo reelaborados no curso da transmissão. Estes, porém, necessitam serem analisados separadamente.²⁹

Para melhor percebermos as semelhanças e diferenças entre as três tradições, citaremos algumas notas comparativas importantes:

a montanha [τὸ ὄρος]: aparece freqüentemente na tradição sinótica e se relaciona com importantes acontecimentos teológicos (Mt 5,1; Mc 3,13). Tanto em Mc como em Mt Jesus vai à montanha para orar, depois que despede a multidão. Mas em Jo, Jesus senta na montanha com os discípulos (6,3) e, depois da multiplicação, refugia-se sozinho na montanha (6,15). Quanto ao local geográfico, não há como localizá-la, ainda que a tradição o associe à margem ocidental do lago e com uma colina chamada de “monte das Bem-aventuranças”. “É possível que os evangelhos tenham simplificado diversas localizações em uma espécie de Sinai Cristão. Em Jn 6 aparece o mesmo tema que no sermão da montanha de Mateus: concretamente, um contraste entre Jesus e Moisés”.³⁰

²⁵ Cf. BROWN, R.E. *Evangelho de João e Epistola* p. 60.

²⁶ BARRETT, C.K. *The gospel according to St John*, p. 271.

²⁷ BARRETT, C.K. *The gospel according to St John* p. 271.

²⁸ Em nota ao pé da p. 473, R.E.Brown escreve que é difícil entender como o quarto evangelista pôde elaborar sua narrativa com base na tradição sinótica e que a cena da multiplicação dos pães torna-se um forte argumento a favor da independência joanina. BROWN, R.E. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 473. Para C. K. Barrett essa independência se refere ao fato de que João não “copiou” Marcos; que, provavelmente, ele usava a tradição de Marcos, e desejava inserir o material, para dar fundamentos teológicos e também próximos ao seu discurso sobre o pão da vida. BARRETT, C.K. *The gospel according to St John*, p. 271-272.

²⁹ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio según Juan*, p. 455.

³⁰ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 445.

... e aí sentou [καὶ ἐκεῖ ἐκάθητο] remete a um gesto de Jesus igual aos rabinos, que se sentavam para ensinar (cf. Mc 4,1; 9,35; Lc 4,20). A frase (v.3) aproxima-se de Mc e Mt, em relação à subida para a montanha. Mas nesta cena João não alude para ensinamento, pois não vem precedida de ensinamento como em Mc 6,34. Jesus está apenas sentado na montanha acompanhado pelos seus discípulos, num período próximo à páscoa. E levantando os olhos e vendo a multidão começa a dialogar com os discípulos a respeito do que vê: *a multidão que a ele acorria* (6,5).

A resposta de Filipe a Jesus (v.7) se assemelha à de Mc 6,37. Literalmente, “*duzentos denários*” em Mt 20, 2, aparece o denário como jornada diária. A coincidência de número é notável. “Não parece que todos os números sejam tão bem guardados na tradição oral, é provável que por esta razão preservou-se uma forma escrita”.³¹

Nos vv. 5-9 vemos a intervenção de Filipe e André. Como personagens na cena são exclusivas de João (1,40. 43-44; 12,22). Ressalta o caráter cênico da narrativa. E mais, em João, é Jesus quem toma a iniciativa de alimentar a multidão com pães. Ele mesmo se dirige aos discípulos e pergunta: *Onde arranclaremos pão para eles comerem?* (v. 5). Entretanto, essa pergunta assemelha-se com o relato de Mateus (15,33), quando Jesus multiplica o pão para 4000 pessoas. E em Mc (6,35-37) como em Lc (9, 12) são os discípulos que tomam a iniciativa e se preocupam com a alimentação da multidão e se dirigem a Jesus.

No v.10 Jesus pede para os discípulos acomodarem o povo. E o lugar onde se acomodam tem *muita grama*. Tanto Mc como Mt mencionam “*grama*”. Porém, Mc diz “*grama verde*”. Isso indica ser primavera.³² Talvez, Jo conserva o pormenor de Mc 6,39 para evocar o significado messiânico: os desertos transformam-se em terra fértil (cf. Is 41,18),³³ e para contextualizar a multiplicação dos pães num tempo Pascal.

Tanto nos sinóticos como em João, Jesus pede aos discípulos para fazerem a multidão se acomodar (cf. Mc 6,40; 8,6; Mt 15,35; Jo 6,10; cf. Jo 20,21). O verbo em grego ἀναπιπτω, literalmente é “cair sobre, em cima”,³⁴ que no indicativo aoristo ativo: ἀπεπεσον, igual a *sentar-se, acomodar-se*, de onde deriva o *acomodem* [ἀναπεσεῖν], no

³¹ BARRETT, C. K. *The gospel*, p. 274.

³² Cf. BROWN, R. E. *El evangelio*, p. 456-457.

³³ Cf. KONINGS, J. *Encontro com o quarto Evangelho*, p. 39.

infinitivo aoristo ativo, deixando a entender que esse fazer a multidão se acomodar, sobre a grama (cf. Jo 6,10) levou para uma ação com um tempo indefinido. A multidão era grande e todos precisavam estar em ordem e harmonia, para comportar todos os presentes e serem servidos por Jesus (cf. 6,11). Portanto, o verbo *acomodem*, implica numa ação de preparação e de organização da multidão para uma refeição conjunta, apontando assim para uma comensalidade dignamente humana, onde os convivas podem se relacionar.

O verbo “*distribuiu*” [διέδωκεν], no indicativo aoristo ativo, aparece somente em João, que provém do verbo *dar* ou *dividir* [δίδομι]. Os sinóticos, porém, usam o verbo “*deu*” [έδίδου], no indicativo imperfeito ativo. Em Jo, Jesus distribuiu os pães para “*os presentes*” [ἀνακειμένους], enquanto nos sinóticos Jesus dá os pães “*aos discípulos para que eles distribuíssem*” [μαθηταῖς [αὐτοῦ] ἵνα παρατιθῶσιν αὐτοῖς]. Aqui, portanto, há uma diferença explícita entre João e os sinóticos. Jesus é o que serve diretamente a multidão, ou seja, os comensais.

João introduz uma ação diferente de Jesus, em relação aos sinóticos. Aponta para um outro movimento: o gesto de Jesus é direto aos comensais. Filipe e André, enquanto Jesus distribui os pães e os peixinhos, não entram em cena, parecem estarem de fora, apenas observando Jesus, ou sendo um entre os comensais. Aqui nos perguntamos: por que somente Jesus distribui os alimentos aos comensais, a tanta gente? Parece-nos que o evangelista João quer ressaltar a dimensão cristológica do relato, pois Jesus é o protagonista da ação, de seus gestos para com as pessoas.

Nos sinóticos aparecem “os apóstolos” (cf. Mc 6,30) e “os discípulos” (Mc 6,41; 8,6; Mt 14,19b; Lc 9,16) para dar de comer à multidão que seguia ou ia ao encontro de Jesus. João descreve, também, que Jesus é quem ordena os discípulos a recolherem os pedaços dos pães que sobraram para que nada se perca (nos vv 12-13). Difere dos Sinóticos, especialmente em Marcos, desde o início os discípulos estão interagindo junto com Jesus e a multidão faminta (cf. 6, 35-43): eles são os que primeiro se preocupam com o que comer ou como alimentar a multidão; informam a Jesus de quantos pães e peixes eles têm (v.38); acomodam o povo em grupos, a pedido de Jesus; distribuem os pães para a multidão, sentada em grupos, (vv. 40-41) e também são os que recolhem os pedaços dos pães sobrados (vv.42-43).

³⁴ RUSCONI, Carlo. *Dicionário de grego do Novo Testamento*.

Em Jo os pães são adjetivados, isto é, “*de cevada*” [ἄρτων τῶν κριθίνων]. Para os sinóticos são simplesmente “*pães*” [ἄρτους]. Já, os “*peixinhos*” [ὀψάρια], se assemelham à segunda narrativa de Mc (8,7) e Mt (15,34c), que estão no diminutivo e que significa ser “*pescado seco ou em conserva*”.³⁵ E em relação à quantidade de alimentos como os “*três pães e dois peixinhos*”, os “*5.000 comensais*” e os “*12 cestos*” é comum à narrativa primeira de Mc e Mt e em Lc. Sendo que Mc e Mt mencionam as cifras, da quantidade de comensais, no final e Lc e Jo no meio do texto (Jo 6,10).

As ações de Jesus em João: “*subiu*” e “*sentou*”(v.2) “*levantando os olhos e vendo*”(v.5); “*tomou os pães*”, “*depois de dar graças*” e “*o distribuiu*” (v.11), como também o “*recolhei os pedaços que sobraram*”(v.12) possuem semelhanças consideráveis aos Sinóticos, e acima de tudo, no que diz respeito às ações eucarísticas. Em relação a tais ações, João apenas omite dois gestos de ressonância eucarística: o gesto de elevar os olhos aos céus e o partir do pão (cf. Mc 6,41).³⁶ Tais gestos, para João, possivelmente estão implícitos nos demais.

Raymond E. Brown afirma que há uma explicação lógica para todas estas particularidades, omissões, acréscimos e paralelos. Pois o evangelista não copiou os sinóticos, mas “*contava com uma tradição independente sobre a multiplicação, que era parecida, porém não idêntica, às tradições em que se inspiram os sinóticos*”.³⁷ E mais, que “*em cada uma das três tradições há detalhes muito antigos e em cada uma delas estes detalhes foram sendo elaborados no curso da transmissão*”.³⁸

As expressões comuns como “*multidão*”, “*duzentos denários*”,³⁹ “*cinco pães*” e “*doze cestos*” reforçam os elementos tradicionais. Particularmente, ao tratar dos “*homens*”, em comparação com Mt 14, 21, adiciona “*sem contar mulheres e crianças*”. João, no entanto, menciona apenas “*os homens*” [οἱ ἄνδρες], não enfatiza as diferenças de gênero humano e a idade, permitindo compreender, assim, todos os seres humanos. Parece que

³⁵ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 447.

³⁶ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 456-461.

³⁷ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 454.

³⁸ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 455.

³⁹ O denário era o salário de um dia de trabalho (cf. Mt 20,2. 9.10.13). Cf. MATEOS, J. & BARRETO, J. *O Evangelho de São João: análise lingüística e comentário exegético*, p. 295.

Jesus acolhe e integra, indistintamente, a todos no seu ministério e dinamismo.⁴⁰ Portanto, com base na tradição sinótica e nas particularidades joaninas pode-se falar da comensalidade do pão, era feita por Jesus e vivida nas primeiras comunidades cristãs.

Um último detalhe, Jesus nos sinóticos, obriga os discípulos a passarem para outra margem do lago, despede a multidão e vai ao monte para orar (cf. Mc 6,45-46; Mt 14,22-23). Não se atribui nenhum motivo para despedida tão rápida da multidão, nem para enviar os discípulos à outra margem. Porém, em João, há uma conclusão da cena (cf. 6,14-15), há motivo para essa atitude desconcertante: o perigo de uma manifestação política por parte da multidão.⁴¹ Esses versículos parecem transmitir uma informação histórica correta de João. No ministério na Galiléia com seus “milagres” ou “sinais”, a multiplicação vem a ser o ponto culminante – tanto em João como em Marcos é o último milagre, ou melhor, “sinal” durante o ministério de Jesus na Galiléia – provocou uma suspeita de fervor popular que ameaçava às autoridades, religiosas e seculares. Se o QE foi escrito pelo final do séc. I, quando perseguição aos cristãos e cristãs, sob o domínio de Domiciano,⁴² era uma realidade evidente, parece que não cabe falar de que foi inventada a informação contida nos vv. 14-15, mas que João reinterpreto o fato para a realidade presente. Contudo, o fato da narrativa joanina 6,14-15 conclui-se distintamente da tradição Sinótica, acentua o estilo particular joanino de criar suspense e deixa o leitor instigado a ir adiante.

O importante é perceber que “João apresenta uma série de traços próprios que não aparecem nos relatos sinóticos, como podemos ver nos versículos 1, 5, 7, 8,11e, 12 e 13”.⁴³ Alguns vocábulos joaninos como a *montanha* (cf. Mt 5,1) e a *páscoa* (Jo 6,4) podem evocar a figura de Moisés, e “sugerem ao leitor ao mesmo tempo a exaltação de Jesus”⁴⁴. Entretanto, João “sempre acentua a autonomia divina da obra de Jesus (cristocentismo)”⁴⁵. Para melhor perceber esses traços peculiares joaninos vamos buscar os elementos tradicionais e os redacionais da perícopes.

⁴⁰ Cf. GAEDE NETO, R. *A diaconia de Jesus*, p. 120-134.

⁴¹ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 467.

⁴² Cf. BALANCIN, E.M. et alii. *Guia de leitura aos mapas da bíblia*, p. 32s; PIXLEY, J. O império no evangelho segundo São João. In: *Revista Internacional Bíblica Latinamericana*, n.48, p. 101s.

⁴³ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 454.

⁴⁴ KONINGS, J. *Encontro*, p. 38.

1.4 Elementos tradicionais e redacionais

A perícopa da “multiplicação dos pães” parece fazer parte da tradição Sinótica, que, posteriormente, foi selecionada pelo quarto evangelista para compor seu evangelho. Contudo, o evangelista modifica palavras e gestos de Jesus, e introduz outros elementos. Escreve de uma outra forma e estilo, durante várias etapas,⁴⁶ abrindo assim para outras interpretações, de acordo com sua teologia.

“A história da multiplicação ocupou um lugar na tradição oral sobre Jesus. É a única história de um milagre que apareceu em todos os quatro Evangelhos, e Mateus e Marcos ainda mencionam duas vezes (Mt 14,13-21; 15,32-39; Mc 6,30-44; 8,1-10; Lc 9,10-17). O local central desta história, dentro das tradições sobre Jesus, significa que não é necessário presumir uma dependência Joanina em torno dos Evangelhos sinóticos, particularmente de Marcos, aqui. A versão Joanina contém detalhes individuais suficientes que são essenciais para a história (ex., o menino no v.9) de modo a parecer que João utilizou uma das muitas versões dessa história que circulava entre os primeiros cristãos”.⁴⁷

Os elementos redacionais parecem ser significativos. Por isso destacaremos os elementos redacionais, primeiramente, distinguindo-os assim dos tradicionais.

a) No v 1: O redator define o local: *passou para a outra margem do mar da Galiléia de Tiberíades*⁴⁸ (cf. 6,22-24).

⁴⁵ KONINGS, J. *Encontro*, p. 38.

⁴⁶ Brown desenvolve essas etapas em cinco: 1) o grupo nasce do judaísmo e inclui seguidores de João Batista. Situa-se na Palestina e aos arredores da Palestina. Neste grupo encontra-se um homem que conhecia Jesus e que se converterá no Discípulo Amado (1,35-51). 2) A esse grupo se unem judeus samaritanos. A cristologia desse atua como catalisador da cristologia do primeiro grupo; 3) A comunidade foi trasladada para a diáspora. Um discípulo do discípulo amado escreve o evangelho. 4) cristãos joaninos tinham de defender sua identidade frente a outros grupos. As tensões se refletem numa segunda redação de evangelho. 5) A última edição de João é elevada por um último redator. Um critério para destacar os acréscimos do último redator seria a dos fragmentos duplicado (p.ex. 6,51-58 em relação com 6,35-50). BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 37 e 113s.

⁴⁷ O'DAY, Gail R. *The new interpreter's bible*. v. IX – Luke – John. Nashville (Tennessee): Abingdon Press, 1995, p. 593.

⁴⁸ No v. 1, τῆς Γαλιλαίας τῆς Τιβεριάδος. [literalmente: da Galiléia de Tiberíades] (1) τῆς Γαλιλαίας; Códice Vaticano (B): séc. IV (proto-alexandrino) A lição variante é (2) - τῆς Γαλιλαίας εἰς τὰ μέρη τῆς Τιβεριάδος. [de Galiléia até a região de Tiberíades] Códice Bezae (D): séc. V (= texto ocidental) Tipo de manuscrito Unciais: Θ (= mais evidências para este tipo de texto são encontradas no Evangelho escrito por Marcos). METZGER, Bruce M.. *A textual commentary on the greek New Testament*. London: UBS, 1975, p. 211s. Brown diz que “esta frase, que aparece nos Códices de Beza y Koridethi, em Crissóstomo na versão etiópica, poderia ser original (cf. Boismard, RB 64 [1957] 369). Cf. BROWN, R.E. *El Evangelio Según Juan*, 1979, p. 444s.

b) No v 2: as circunstâncias ou a situação: a multidão seguia Jesus, “*porque tinham visto os sinais (σημεία) que ele realizava nos doentes.*” Aqui, “os investigadores que admitem a existência de uma Fonte dos Sinais, que João havia utilizado, estimam que este versículo proceda dessa fonte, que continha uma extensa coleção de sinais, dos quais o evangelista havia selecionado somente alguns”.⁴⁹ João enuncia o caráter seletivo da obra, no cap.20,30, designando como “Sinais” o conteúdo selecionado, como explicita a intenção do registro escrito destes “Sinais”: “para que creiais que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que crendo tenhais vida em seu nome” (20,31). E na conclusão João 20,31 parece nos indicar outra restrição: a intenção da “escrituração”,⁵⁰ que os Sinais apontam para uma intenção ou dimensão teológica, quer propiciar solidez à fé dos ouvintes e leitores. Por detrás desta frase está o contexto vital do Quarto Evangelho. O termo “sinal” é carregado de toda uma compreensão veterotestamentária, da teologia profética. Na realização destes sinais o que é mais importante é mostrar a manifestação de Deus. Não tanto a quantidade, mas sua qualidade.⁵¹

c) No v 4: o tempo pascal: ἦν δὲ ἐγγύς τὸ πάσχα, ἡ ἑορτὴ τῶν Ἰουδαίων. [“Estava próxima a páscoa, festa dos judeus”]. Este frase é própria do Ev. de João, portanto é um elemento redacional. João “menciona a Páscoa primeiramente porque, como vai aparecer, alguns dos atos e palavras deste capítulo têm um significado eucarístico, e a eucaristia, assim como a última ceia, deve ser entendida no contexto Judeu da Páscoa”.⁵²

d) o termo ἐγγύς [próximo ou perto] (v. 4), é tido como uma fórmula joanina,⁵³ se repete seguido no QE (2,13; 6,4; 7,2;11,55), como advérbio.

e) a palavra τὸ πάσχα [a Páscoa] (v. 4) vem seguida do adjetivo adverbial “próximo”, indicando que ainda estava para acontecer. O vocábulo também aparece com

⁴⁹ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 445; DEN BORN, A.V. (Org.). João (Evangelho). In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 813.

⁵⁰ Fala-se “escrituração” porque parece que Jo 20,31 declara “escritura” (sacra) o que precede, conforme sugere o termo técnico *gegraptai* (= está escrito) que estes sinais não é a investigação histórica, mas com fins pastorais, ou seja, sustentar a fé dos leitores. Cf. KONINGS, J. A memória de Jesus e a manifestação do Pai no quarto evangelho. In: *Perspectiva Teológica*, p. 179s.

⁵¹ Cf. KONINGS, J. A memória de Jesus. In: *Perspectiva Teológica*, p. 180.

⁵² BARRETT, C.K. *The gospel*, p. 274.

⁵³ BARRETT, C.K. *The gospel*, p. 273.

freqüência no QE (2,13. 23; 6,4; 11,55; 12,1; 13,1; 18,28. 39; 19,14), próprio, portanto, da redação joanina.

g) a “*multidão*”[πολύς,], tanto nos relatos sinóticos (Mc 6,34; 8,1; Mt 14,14; Lc 9,11) como em João (6,2.5) é mencionada explicitamente, pertence a tradição. Jesus, em seu ministério, está acompanhado e seguido por uma multidão.

f) o gesto de Jesus διέδωκεν τοῖς ἀνακειμένοις [distribuiu-os aos presentes]. É um gesto novo introduzido no QE, que indica ser parte da tradição redacional. Embora se constate certas aproximações do relato joanino com as narrativas nos sinóticos fica um tanto difícil “defender a teoria de que João copiou diretamente um dos relatos sinóticos”.⁵⁴ Por isso, supõe que o evangelista usou uma tradição independente sobre a multiplicação e que era parecida às tradições que inspiraram os sinóticos.⁵⁵

g) os vv.14 e 15 somente aparecem na tradição joanina. Não pertencem originalmente às cenas da multiplicação. Portanto, se pode dizer que fazem parte da redação joanina. No v.14 Οἱ οὖν ἄνθρωποι ἰδόντες ὃ ἐποίησεν σημεῖον ἔλεγον ὅτι οὗτός ἐστιν ἀληθῶς ὁ προφήτης ὁ ἐρχόμενος εἰς τὸν κόσμον. [*Vendo o sinal que ele fizera, aqueles homens exclamavam: “Esse é, verdadeiramente o profeta que deve vir ao mundo!”*]. No v.15: Ἰησοῦς οὖν γνοὺς ὅτι μέλλουσιν ἔρχεσθαι καὶ ἀρπάζειν αὐτὸν ἵνα ποιήσωσιν βασιλέα, ἀνεχώρησεν πάλιν εἰς τὸ ὄρος αὐτὸς μόνος. [*“Jesus, porém, sabendo que viriam buscá-lo para fazê-lo rei, refugiou-se de novo , sozinho, na montanha.”*]

h) o verbo ἀρπάζειν [buscar apoderar-se de algo, roubar] é considerado uma palavra forte, como que a “raptar”. É o que os homens violentos fazem com o reino dos céus, conforme Mt 11,12 e Lc 16,16: (βιασταὶ ἀρπάζουσιν αὐτήν.); “é possível que João, com sua insistência constante de que o próprio Jesus é o Evangelho, transferiu o termo o reino para o Rei. Mas assim como o reino é presente de Deus e os homens não podem eles próprios possuí-lo violentamente, assim Jesus, que é dado por Deus (3,16) e que dá a si mesmo aos homens, não pode ser coagido de modo violento”.⁵⁶ Jesus irá ser “rei” no QE,

⁵⁴ BROWN, R.E. *EL evangelio*, p. 454.

⁵⁵ Cf. BROWN, R.E. *EL evangelio*, p. 454.

⁵⁶ BARRETT, C.K. *The gospel*, p. 278.

mas um rei de acordo com a sua definição de reinado (18,36-38), não forçado a ajustar-se à definição do mundo, de um reino indiferente às dores da humanidade.

A narrativa da multiplicação dos pães situa-a num contexto pascal: “próximo a Páscoa, festa dos judeus”(6,4). Contudo, o evangelista aponta para um tempo significativo da tradição do povo judaico, a Páscoa, a festa dos pães (cf. Dt 16,1ss). “É a partir de sua cristologia que o evangelista reinterpretou – poder-se-ia dizer: recriou – o dado tradicional”.⁵⁷ O que se percebe ser nitidamente redacionais são os vv.1.2.3 (em parte) e 4.6.14 e 15.⁵⁸ Os demais vv. 3.5.7-13 possuem semelhanças próximas aos Sinóticos, que então podem ser considerados da tradição.

Pela análise feita até aqui se pode dizer que há muita ligação entre os quatro evangelhos. Estas ligações não permitem dizer que há uma dependência literária, mas pode-se afirmar que deve ter existido uma fonte comum ou “diversas fontes”⁵⁹ na tradição cristã das comunidades. Esta pode ser a explicação mais plausível das aproximações e semelhanças. Possivelmente, “o evangelista escolheu entre os dados que a tradição havia conservado sobre Jesus os que melhor poderiam lhe permitir manifestar a seus leitores a profundidade do acontecimento”⁶⁰ e recorreu ao símbolo como água viva, o pão etc. para exprimir, na sua linguagem, diretamente realidades da salvação.

Também, pela análise, se constata uma intervenção clara do redator joanino, pois muitas expressões não estão na tradição dos evangelhos sinóticos. Porém, dos elementos tradicionais percebidos ressaltam-se alguns aspectos da comensalidade do pão. A partir do visto, prosseguiremos buscando o significado do “Sinal” no Quarto Evangelho, para melhor compreendermos o “Sinal dos pães” na perspectiva da comensalidade eucarística.

⁵⁷ LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João II*, p. 75.

⁵⁸ Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho*, p. 75.

⁵⁹ LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do evangelho*, p. 75.

⁶⁰ LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do evangelho segundo João I: Palavra de Deus*, p. 25.

2 O SINAL DO PÃO

2.1 O significado do “sinal”

O termo σημεῖον é derivado do termo σημα que em sua forma mais antiga não tem, necessariamente, o caráter milagroso. O significado básico de σημεῖον é “sinal” mediante o qual se reconhece uma pessoa ou coisa específica, uma marca ou prova confirmativa, corroborativa e autenticadora.⁶¹

O termo σημεῖα [sinais] e σημεῖον [sinal] aparece no Ev. de João com certa freqüência. O vocábulo σημεῖα [sinais], no plural comum, aparece em: 2,23; 3,2; 4,48; 6,2. 26; 7,31; 9,16; 11,47; 12,37; 20, 30, sendo duas vezes no cap. 6 e uma vez na perícopre 6,1-15, como se constata. E o termo σημεῖον [sinal], no singular comum, se encontra seis vezes: 2,18; 4,54; 6,14. 30; 10,41; 12, 18, e também duas vezes no decorrer do cap. 6 e uma vez na perícopre em questão. Esta forma literária do evangelista e redator descrever chama atenção e nos leva a perguntarmos pelo significado deste termo “sinal”.

Charles H. Dodd, argumenta que Fílon⁶² emprega o verbo σημαίνειν que, precisamente, não é do Quarto Evangelho, mas ele dá claramente ao termo σημεῖον [sinal] o sentido de “símbolo”. Para Fílon, o σημεῖον [o sinal] ou símbolo, conduz a um significado oculto, no nível abstrato e intelectual.⁶³

Em Jo 4,48 σημεῖα καὶ τέρατα [sinais e prodígios], aparece de maneira um tanto depreciativa. Esta expressão é comum no AT, que significa algo extraordinário ou maravilhoso, um “milagre”. Mas אוֹת [ô = sinal] em hebraico⁶⁴ e σημεῖον [sinal] em grego, não incluem necessariamente o milagroso, mas “testemunho” entre duas pessoas ou

⁶¹ Verbete MILAGRE: σημεῖον (*semeion*): *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 1287.

⁶² Fílon de Alexandria é a figura mais conhecida e representativa do judaísmo helenístico. DODD, C.H. *A interpretação*, p. 81-105.

⁶³ Cf. DODD, C.H. *A interpretação*, p. 191.

⁶⁴ Cf. KIRST, Nelson, et alii. *Dicionário: Hebraico- Português & Aramaico- Português*. 15 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2002; BIBLEWORKS for Windows. Version 4.0.5 p [s.l.] Lótus, 1999. 1 CD_ROM.

entre Deus e o ser humano. É aplicado particularmente aos atos simbólicos realizados pelos profetas (cf. Ez 4,1-3). Nos profetas, o σημεῖον [o sinal] é comumente um “sinal” de alguma coisa que está para acontecer na realização do plano de Deus na história.⁶⁵

“Parece que os profetas imaginavam que tais atos simbólicos eram mais que meras ilustrações. Eles eram inspirados por Deus e em seu desígnio imutável fazia o prelúdio necessário para o que ele decretava realizar” [...] “No símbolo era dada a coisa simbolizada”.⁶⁶

O povo da tradição judaica tinha uma crença de que o Messias viria de um lugar oculto, desconhecido e teria poder miraculoso; e assim como os profetas, segundo se acreditava, corroboraria sua mensagem com “milagres”.⁶⁷ Esses “sinais” que o povo esperava do Messias eram meros milagres; mas quando vêm um milagre, não conseguem ver o “sinal”; pois, “para o evangelista, um *semeion* não é essencialmente um ato milagroso, mas um ato com significado, um ato que, para o olho que vê e para a mente que entende, simboliza realidades eternas”.⁶⁸

Os atos aos quais é aplicado o termo σημεῖον [sinal] explicitamente no evangelho de João são de fato, de tal natureza que são também considerados como milagrosos, embora o milagroso não faça parte da conotação original da palavra, e nem sempre a palavra é aplicada aos milagres. Os fatos narrados no QE, portanto, devem ser entendidos como fatos que têm significado. Eles são, portanto, σημεῖα [sinais] que apontam para um significado maior. Os “Sinais”, portanto, vêm acompanhados por um discurso (cf.5,19-47; 6,22-71). Nos discursos que seguem as narrativas é fornecida uma “chave” para descobrir seu sentido.⁶⁹ No cap. 6 isto é favorável. Pode-se dizer que a narrativa 1-15 – é um “Sinal”, ou seja, uma narrativa simbólica, porque João usa o termo σημεῖα [sinais] aproximando de σημεῖον [sinal], como nos profetas veterotestamentários: o fato, porém, tem um significado, confirmado pelo discurso que segue (vv.22s).

⁶⁵ Cf. DODD, C.H. *A interpretação*, p. 191.

⁶⁶ DODD, C.H. *A interpretação*, p. 191.

⁶⁷ Cf. DODD, C.H. *A interpretação*, p.127.

⁶⁸ DODD, C.H. *A interpretação*, p. 127.

⁶⁹ Cf. DODD, C.H. *A interpretação*, p. 193.

Raymond E. Brown explica que os sinais não podem identificar-se simplesmente com os milagres de Jesus, embora alguns milagres sejam signos de modo preeminente.⁷⁰ O vocábulo “sinais” no contexto veterotestamentário servia para designar especialmente as obras maravilhosas realizadas por Javé no êxodo (cf. Nm 14,11). “O significado destas obras não consistia em que estiveram além da causalidade natural, mas em que haviam sido operadas por Deus de Israel para revelar-se a seu povo. Para João, os ‘sinais’ de Jesus têm exatamente este significado”.⁷¹ Por isso João não usa o vocábulo “milagre” e sim “sinais”. A transformação da água em vinho (2,11), a multiplicação dos pães (6,14) e outros episódios são “Sinais” que manifestam a obra vivificante de Jesus.⁷²

A realidade a que João dá o nome de “sinais” Jesus as chama de suas “obras”, que são também obras de Deus (cf. Jo 5,20. 36; 7,3. 21; 9,3-4). As obras de Jesus compreendem certamente seus milagres, porém não se reduzem a eles. Estas obras, entretanto, constituem a totalidade de seu ministério público e que incluem suas palavras (14,10).⁷³ Os “sinais” constituem a comunicação de Deus com o ser humano; através do símbolo e pelo sinal o significado se manifesta e se comunica à consciência.⁷⁴ Essas “obras” não são provas, mas verdade e vida em si mesmas. Pois, “palavras” e “obras” estavam estritamente unidas, e inclusive identificadas, na mentalidade semítica,⁷⁵ onde palavra e realidade estão unidas: quando Deus “diz”, ele realiza o que ele diz.⁷⁶

A intenção da alimentação da multidão, ou a significação do Sinal dos pães está na vida eterna, que Jesus, o Logos Eterno, dá aos seres humanos. É a obra de Jesus Cristo como doador da vida que se cumpre, na realidade e na atualidade, pelo ato histórico de sua morte e ressurreição. Neste sentido, cada σημεῖον [sinal] “aponta para o grande clímax”⁷⁷ da vida de Jesus.

⁷⁰ BROWN, R. E. et alii, *Comentário Bíblico “San Jerónimo”*, tomo V, p. 845.

⁷¹ BROWN, R. E. et alii, *Comentário Bíblico*, p. 845.

⁷² BROWN, R. E. et alii, *Comentário Bíblico*, p. 845.

⁷³ BROWN, R.E, et alli. *Comentário Bíblico*, p. 846.

⁷⁴ Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João I*, p. 25.

⁷⁵ Cf. BROWN, R. E. et alii, *Comentário bíblico “San Jerónimo”*, tomo V, p. 846.

⁷⁶ Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João I*, p. 21.

⁷⁷ DODD, C.H. *A interpretação*, p.192.

O relato joanino dos pães apresenta algumas orientações teológicas peculiares, que também aparecem nos sinóticos. R.E. Brown, pende por uma tradição independente joanina, afirma que, “nem todos os detalhes peculiares respondem às motivações teológicas, mesmo que neste caso ele demonstre que tal assunto não significa *a priori* que o evangelista o inventara para apoiar sua teologia”.⁷⁸ Que é perfeitamente lógico pensar que a primitiva teologia cristã se edificou sobre o conteúdo real da tradição e que esta é a razão de que os detalhes encaixem nessa teologia.⁷⁹

O evangelista descreve os “Sinais” [σημεία] muito mais do que nos sinóticos, relacionados com os ensinamentos de Jesus, querendo levar o crente a descobrir a glória de Jesus (2,11) e o sentido profundo de seus gestos, acompanhado pela palavra, que nascem do íntimo contato vital entre o Pai e o Filho (10,38). Ele não quer dizer que os “Sinais” são ilustrações simbólicas do pensamento cristológico. Mostra, contudo, a solidez histórica dos mesmos (cf. 4,52; 9,18). O Sinal é confirmado ou atestado por uma pessoa que presenciou o fato ou o acontecimento (cf.19,35). O evangelista, portanto, encara os Sinais não apenas como “provas” da missão messiânica de Jesus (cf. 7,31; 9,32-33; 10,41; 11,47; 12,37), mas como “testemunhos”: a noção joanina de testemunho inclui o presenciado, o fato histórico, trata-se da tradição transmitida por “Aquele que viu” (19,35) ou aqueles que “viram” (1 Jo 1,1), isto é, creram⁸⁰ no “Verbo que se fez carne” (1,14).

Portanto, para entender o “Sinal dos pães” relatado pelo evangelista do QE é preciso entender a estrutura de cada episódio, pois “os fatos narrados recebem uma interpretação de seu significado evangélico nos discursos”.⁸¹ Ação e palavra de Jesus formam um todo. E esta unidade entre ação e palavra é fundamental para João, pois se distingue do intelectualismo abstrato ou misticismo muito comum no pensamento da época⁸² e também hoje, no mundo pós-moderno. Faz-se necessário aprender e reconhecer a eternidade através do véu da humanidade.⁸³

⁷⁸ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 462.

⁷⁹ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 462.

⁸⁰ Cf. DEN BORN, A.V. (Org) João(Evangelho). In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 811.

⁸¹ DODD, C.H. *A interpretação*, p. 496.

⁸² Cf. DODD, C. H. *A interpretação*, p.496.

⁸³ Cf. DODD, C. H. *A interpretação*, p.199.

2.2 Função do sinal do pão na estrutura narrativa

A função do Sinal na estrutura narrativa parece manifestar as ações salvífica de Deus na história da humanidade, por Jesus, o Verbo feito carne.

O QE está estruturado em duas grandes partes. A primeira parte denominada o “Livro dos Sinais” e a segunda parte o “Livro da Glória”.⁸⁴ A estrutura do Livro dos Sinais “forma um todo orgânico”.⁸⁵ Dentro deste todo orgânico se procura interpretar cada narrativa ou Sinal. Os temas centrais do Livro dos Sinais são os de vida, luz e julgamento, preparando assim para o segundo Livro.

“O Cristo do Livro dos Sinais é o Cristo que morre e ressuscita; e esta verdade a seu respeito é o pressuposto essencial de toda a descrição de seu ministério. As obras de Cristo, em sua totalidade, são “sinais” de seu obra acabada. Os sinais são todos verdadeiros, pois quem os realiza é o Filho do Homem que foi exaltado e glorificado pela cruz” [...] “Esta concepção do conteúdo da história do ministério determina a estrutura do Livro dos Sinais”.⁸⁶

O Livro dos Sinais contém sete Sinais. O evangelista deixa explícito que não se detém apenas neles, conforme se lê na frase-síntese: “vendo os sinais que fazia, muitos creram em seu nome” (2,23) ou, “Jesus fez, diante de seus discípulos muitos outros sinais ainda, que não se acham escrito neste livro” (20,30). Os Sinais narrados neste livro se encontram na seguinte seqüência:

- 1 - as bodas de Caná (2,1-11)
- 2 - a cura do filho de um funcionário real (4,46-54)
- 3 - a cura de um enfermo na piscina de Betesda (5,1-9)
- 4 - a multiplicação dos pães (6,1-15)
- 5 - o caminho sobre o mar (6,16-21)
- 6 - a cura do cego de nascença (9,1-7)
- 7 - a ressurreição de Lázaro (11,1-44)

⁸⁴ Cf. BROWN, R.E. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 461.

⁸⁵ DODD, C. H. *A interpretação*, p. 495.

⁸⁶ DODD, C.H. *A interpretação*, p. 495.

Como se constata acima, o Sinal dos pães está no centro dos Sinais. Há três antes e três depois. Aqui nos perguntamos se esta ordem tem algo a dizer? Porque o Sinal dos pães está no centro dos demais. Talvez, o evangelista ou redator esteja apontando para um significado central do ministério e da vida de Jesus, a partir da realidade da comunidade joanina, dos ouvintes e leitores aos quais quer ajudar a compreender quem é Jesus, para o aderirem e o seguirem fielmente.

Alguns estudiosos acham que o cap. 6 foi deslocado, talvez por uma troca acidental das páginas, e inserem nos seus comentários o cap. 6 logo depois de 4,54.⁸⁷

Johan Konings considera que o cap. 6 um “minievangelho”,⁸⁸ que contém a mensagem essencial de Jesus. No conjunto unitário do Evangelho há as pequenas unidades, compostas por narrativas e discursos ou diálogos. Cada narrativa está interligada ao discurso que segue, desenvolvendo assim uma lógica unitária, formando um conjunto literário-teológico.⁸⁹ Por isso se faz necessário analisar e interpretar a narrativa do “Sinal dos pães” relacionando-a com o discurso que segue (cf.v. 22s.).

A menção à Páscoa, uma das festas dos judeus (cf. 6,4), no decorrer do evangelho, aponta para a culminância da páscoa de Jesus. Na aproximação da *primeira* Páscoa (2,13) João narra que Jesus subiu a Jerusalém e, chegando ao Templo, reage severamente contra os cambistas, dizendo: “não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio” (2,16b). Os judeus, porém, pedem que lhes dê sinais. Mas Jesus responde “destruí este santuário, e em três dias eu o levantarei” (2,19). O evangelista deixa bem definido que Jesus “falava do santuário de seu corpo” (2,21).

Antes do Sinal dos pães (6, 1-15), Jesus está agindo em dia de Sábado, em Jerusalém, curando um enfermo, por ocasião de “uma festa dos judeus” (5,1), uma festa não identificada. Os judeus, porém, começam a persegui-lo e desejam matá-lo (5,18), porque “fazia tais coisas no sábado” (5,16). E Jesus lhes faz um discurso sobre a obra do

⁸⁷ Cf. KONINGS, J. *Evangelho segundo João*, p. 148; Schnackenburg e outros observam que os cap. 7 e 8 constituem a continuação do cap. 5. Que o cap. 6 parece ser mais apropriado estar em seguida do cap. 4 por uma questão geográfica seqüencial, embora distinta dos Sinóticos. SCHNACKENBURG, R. *El evangelio según San Juan*. II (Tomo segundo), Barcelona: Herder, 1980, p. 20-28. Aqui, porém, optamos não adentrar nesta questão estrutural por considerá-la irrelevante para a mesma.

⁸⁸ KONINGS, J. *Evangelho segundo João*, p. 147.

⁸⁹ KONINGS, J. *Evangelho segundo João*, p. 19.

Pai (5,19ss). Próximo à *segunda* Páscoa (6,4), “depois de um longo intervalo, na primavera seguinte,”⁹⁰ que segue com o cap. 6, Jesus está fora de Jerusalém, na Galiléia próximo do mar de Tiberíades (v.1), e ali realiza o “Sinal dos pães”, ou seja, a multiplicação dos pães de cevada (cf 6,1-15). Tudo indica que este “Sinal” situa-se dentro de um contexto pascal. Entretanto, a narrativa dos pães pode ser considerada como o quarto “Sinal” na estrutura conjunta do Evangelho, mais propriamente do Livro dos Sinais, dentro do tema da vida e da Páscoa.⁹¹

Portanto, a centralidade do Sinal dos pães na ordem dos “Sinais”, talvez queira sinalizar para uma realidade decisiva na vida de fé da comunidade, dos crentes. A estrutura joanina difere claramente dos sinóticos, pois João interpreta o fato (6,4): o acontecimento se dá em tempo pascal. E, também, acentua o protagonismo Jesus (cf. 6,5. 11).

O Sinal dos pães serve como uma introdução ao cap. 6. O Sinal dos pães é mal-entendido pelo povo, num sentido material, como se Jesus fosse o messias preocupado com coisas terrenas (vv.14-15).⁹² Contudo, nela se pode perceber a tradição da comunidade joanina cristã, ou seja, as particularidades em relação aos sinóticos. O plano que estrutura a narrativa joanina é o significado do fato dentro da estrutura teológica do evangelho.⁹³ O cap. 6 situa-se entre o movimento descendente: Jesus, o enviado do Pai, que se encarna e se dá como comida aos que crêem, e um movimento ascendente: o Filho volta para o Pai, mas deixa os sinais de sua presença, como água, luz, vida e pão.⁹⁴

O cap. 6 está inserido na secção dos caps 5-10, onde os conflitos são bem mais cerrados, em relação aos judeus. Os sinais ou obras de Jesus colocam os ouvintes ou leitores diante de uma opção a favor dele ou contra ele. E, inspirada talvez na tradição sinótica, esta opção é elaborada pela oposição entre os judeus, que depois de uma fé superficial voltam atrás diante da exigência de sua palavra (6, 60.66) e os “doze”, a

⁹⁰ BROWN, R.E. *Evangelho de João e Epístolas*, p. 60.

⁹¹ Cf. MATEOS, J. & BARRETO, J. *O Evangelho de São João*, p. 7 e 294.

⁹² Cf. KONINGS, *Encontro com o Quarto Evangelho*, p. 37.

⁹³ Cf. MATEOS J. & BARRETO J. *O Evangelho de São João*, p. 6.

⁹⁴ BOROBIO, D. *Eucaristia*, p. 42.

comunidade cristã, representada por Pedro, exclama: “Tu tens (as) palavras de(a) vida eterna” (6 68).⁹⁵

2.3 A comunidade joanina e seus conflitos

A comunidade joanina foi se configurando pela convivência com pessoas de origens culturais diversas e, conseqüentemente, de crenças também: discípulos de João Batista, judeus, galileus, samaritanos, judeus helenistas e gregos.⁹⁶

João não se preocupa com a ordem cronológica da vida de Jesus, mas sim com uma lógica de pensamento teológico, cristológico e eclesiológico, frente a uma realidade multicultural que tinha que refletir e dar uma resposta convincente.⁹⁷ A comunidade joanina era “uma comunidade com grande sensibilidade cultural”.⁹⁸ Fazia-se necessário interpretar a mensagem de Jesus por outros meios culturais. “Havia influência literária e cultural que tinha uma origem distinta das tradições que formam o núcleo fundamental de sua mensagem”⁹⁹. Daí porque “o sentido que João quer dar a seu texto não se encontra em primeiro lugar pela comparação com suas fontes, embora útil, quando possível, mas pela descoberta atenta da coerência do texto que temos diante de nós”.¹⁰⁰ Então, a partir do texto, (6,1-15) nos perguntamos se podemos descobrir como era a comunidade joanina? Ou, o que se passava nesta comunidade, quando o Evangelho foi escrito?

A comunidade joanina era representada pelo “discípulo que Jesus amava” (Jo 13,23; 19,26; 20,2; 21,7. 20). O Discípulo Amado foi idealizado pela comunidade joanina pelo fato de ser uma pessoa histórica e companheira de Jesus. “Entre tais judeus,

⁹⁵ Cf. KONINGS, J. A memória de Jesus. In: *Perspectiva Teológica*, p. 183-184.

⁹⁶ R.E. Brown ressalta que a entrada de gentios para a comunidade joanina (12,20-22,37-43) se dá de modo proeminente depois do rompimento definitivo com os “judeus” por causa da expulsão dos judeus cristãos das sinagogas. BROWN, R.E. *A comunidade do Discípulo Amado*, 2003, p. 65s.

⁹⁷ TUÑÍ I VANCELLS, J. O. *Jesús en comunidad*, p. 87s.

⁹⁸ TUÑÍ I VANCELLS, J. O. *Jesús en comunidad*, p. 87.

⁹⁹ TUÑÍ I VANCELLS, J. O. *Jesús en comunidad*, p. 87.

¹⁰⁰ KONINGS, J. *Evangelho segundo João*, p. 36.

insignificadamente, a princípio, havia um homem que conhecia Jesus, tornara-se discípulo seu durante o ministério público e se tornaria o Discípulo Amado”.¹⁰¹

A constituição da comunidade joanina é distinta das demais. Raymond E. Brown reconstituiu a formação da “Comunidade do Discípulo Amado”¹⁰² em grandes fases. Aqui daremos ênfase às duas fases quando, possivelmente, o Evangelho foi escrito.

A *primeira fase* que é da era pré-evangélica, da origem da comunidade e sua relação com o judaísmo, entre as décadas de 50 a 80. Um período em que os cristãos joaninos foram expulsos da Sinagoga (9,22; 16,2) e o centro de ensino do judaísmo era o Jâmnia (Jabneh), “um judaísmo que era predominantemente fariseu e assim não mais tão pluralístico como antes de 70”,¹⁰³ isto é, da destruição do Templo.

A comunidade joanina se desenvolveu inicialmente na Palestina, de forma distinta das da tradição sinótica. Na Palestina os judeus que nutriam expectativas tradicionais aceitavam Jesus como Messias davídico, aquele que cumpria as profecias, confirmadas pelos “milagres”. A esses primeiros seguidores, acresciam-se judeus de mentalidade contrária ao Templo (Jo 4), que fizeram convertidos em Samaria. Eles, porém, tinham entendido Jesus contra uma tradição mosaica, não davídica, pois Jesus tinha estado com Deus, tinha-o visto e trazido sua palavra para o povo. A aceitação deste grupo desencadeou uma teologia alta da preexistência “que levou à discussões com judeus que julgavam que os cristãos joaninos estavam abandonando o monoteísmo judaico ao fazer de Jesus um segundo Deus”¹⁰⁴ (cf Jo 5,18). Também, “eles enfatizavam a realização das promessas escatológicas em Jesus a fim de compensar o que haviam perdido no judaísmo”.¹⁰⁵ E os cristãos joaninos desprezavam os crentes em Jesus que não haviam feito a ruptura pública com a sinagoga (9,21-23; 12,42-43).¹⁰⁶

¹⁰¹ BROWN, R.E. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 508.

¹⁰² BROWN, R.E. *A comunidade do Discípulo Amado*. 4 ed. São Paulo: Paulus, 2003.

¹⁰³ BROWN, R.E. *A comunidade*, p. 20.

¹⁰⁴ BROWN, R.E. *Introdução*, p. 508.

¹⁰⁵ Daí porque Brown confirma a forte temática de substituição no evangelho. BROWN, R.E. *Introdução*, p. 508.

¹⁰⁶ Cf. BROWN, R. E. *Introdução*, p. 508.

A *segunda fase* retratava a situação da comunidade joanina no tempo em que o evangelho foi escrito,¹⁰⁷ no período aproximadamente 90 d.C. Num tempo de perseguição (16,2-3) e em alguns anos posterior aos Sinóticos.¹⁰⁸ A realidade na Palestina já era outra. Os romanos tinham destruído o Templo (70 dC) e as comunidades cristãs estavam vivendo noutra período.¹⁰⁹ Contudo, a comunidade joanina tinha uma tradição um tanto independente, a do “Discípulo Amado”, a testemunha ocular: o que viu e ouviu (cf. 19,35), que congregava mulheres e homens de fé em Jesus Cristo.

A alta cristologia intensificava a luta com “os judeus”, afetava “as relações da comunidade com os outros grupos cristãos, cuja avaliação de Jesus é inadequada segundo os padrões joaninos”.¹¹⁰ A oposição aos “judeus”, que se refere à autoridade judaica,¹¹¹ parece dominar os capítulos 5-12 do QE, como já acenado anteriormente. Entre os crentes, havia os cristãos dentro da sinagoga – os criptocristãos;¹¹² os judeus cristãos, que diziam acreditar em Jesus (cf.12,42-43), mas não confessavam publicamente a fé em Jesus Cristo (9,22), pois haviam feito “a opção de serem conhecidos como discípulos de Moisés (9,28) e não como discípulos de alguém que eles não sabiam *de onde é*”.¹¹³

O conflito entre cristãos e judeus pautava-se na violação do sábado (cf. 5,10) e que não se devia acreditar na Eucaristia (cf. 6,52). É bom lembrar que em 6,31-33 aparece um argumento escriturístico que apóia a posição joanina. Além *dos judeus* havia outros grupos que causava tensão na comunidade: os denominados *adeptos de João Batista*,¹¹⁴ que seguiram Jesus e tinham certa inveja de Jesus (3,22-26), confundiram uma lâmpada

¹⁰⁷ Que, plausivelmente, era um discípulo do Discípulo Amado e não uma testemunha do ministério de Jesus. Cf. BROWN, R.E. *Introdução*, p. 509.

¹⁰⁸ Cf. BROWN, R.E. *A comunidade*, p. 21.

¹⁰⁹ É importante nos darmos conta de que a catequese joanina se desenvolvia num ambiente inteiramente multicultural. O predominante não é o Templo, mas a afirmação da presença divina na pessoa de Jesus, que havia afirmado isto quando reage aos “cambistas” no Templo (Jo 2,13-21) e quando acolhia os Samaritanos, seu povo: “os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade”(Jo 4, 23). RAMOS, Filipe Fernandez. *Simbolismo del Templo en el Cuarto Evangelio*: Extrato de la tesis doctoral em la Facultad de Teologia de la Universidad Pontificia de Salamanca, p. 30-61

¹¹⁰ BROWN, R.E. *A comunidade*, p. 21.

¹¹¹ Cf. BROWN, R.E. *A comunidade*, p. 43.

¹¹² Cf. BROWN, R.E. *A comunidade*, p. 74-76.

¹¹³ BROWN, R.E. *A comunidade*, p. 75.

¹¹⁴ BROWN, R. E. *A comunidade*, p. 72s.

com a luz do mundo; e *o Mundo*, aqueles que rejeitam a luz (cf 1,10), que é habitado pelas trevas (cf. 12,35-36) e odeia Jesus (7,7) e os que nele crêem. A vida de Jesus é vida para o mundo e o julgamento do mundo (9,39; 12,31).¹¹⁵

Os cristãos da comunidade joanina já se encontravam num local pluralista, de crentes e não-crentes, e fora da Palestina, pela região de Éfeso, na Ásia Menor. E, no relacionamento deles com outros cristãos, “eles rejeitavam alguns por terem uma cristologia tão inadequada que eram verdadeiros descrentes (6,60-66).¹¹⁶ Alguns, simbolizados em Simão Pedro, creram de veras em Jesus (6,67-69), mas não eram considerados tão perceptivos quanto os cristãos joaninos, simbolizados no Discípulo Amado (20,6-9)”.¹¹⁷ A esperança era que todos, cristãos joaninos e outros pudessem seguir o “Bom Pastor” (cf. 10,1ss) e formar “um só rebanho” (10,16).

Portanto, havia na comunidade aqueles judeus que acreditavam em Jesus sem dificuldade como o Messias davídico, o realizador das profecias, e cuja missão era confirmada por “milagres”. Esses se dirigiam a Jesus e o aceitavam a ponto de desejar fazê-lo rei (cf. Jo 6,14-15). Provavelmente, a comunidade joanina ainda não estava compreendendo Jesus como o Messias, preexistente, o Filho do Homem (cf. 6,27). No final, os judeus de fé mosaica que aceitavam Jesus, mas não professavam a fé publicamente, não conseguem comungar mais com Jesus, “é duro demais” (Jo 6,60) para segui-lo.¹¹⁸ Não participam mais da comunidade e não comem mais do pão juntos.

O “Sinal dos pães” está no centro do Livro dos Sinais, talvez, devido às circunstâncias que a comunidade cristã joanina se encontra, quando os conflitos estavam mais cerrados em oposição aos *judeus*, “levando à opção de fé”.¹¹⁹ O evangelista, contudo, conservou a tradição da comunidade do “Discípulo Amado”.¹²⁰

¹¹⁵ Cf. BROWN, R.E. *A comunidade*, p. 174-177.

¹¹⁶ Cf BROWN, R.E. *A comunidade*, p. 77s.

¹¹⁷ BROWN, R.E. *Introdução*, p. 509.

¹¹⁸ Em nota nº 133, p. 78, Brown diz que “todo o contexto em Jo 6 se refere a grupos externos (“os judeus”; os doze representando as Igrejas apostólicas).” BROWN, R. E. *A comunidade*, p. 78.

¹¹⁹ KONINGS, J. *Evangelho segundo João*, p. 51-52.

¹²⁰ BROWN confirma em nota 47, p. 34 que, conforme R. Schnackenburg, “o Discípulo Amado é a autoridade que está atrás do evangelho, em cujo espírito foi escrito, mas que não teve participação imediata

“Mais tarde na história da comunidade, quando os cristãos joaninos eram claramente distintos dos grupos de cristãos que se associavam com as memórias dos doze (por exemplo, com a memória de Pedro), a afirmação de que eles possuíam o testemunho do Discípulo Amado possibilitava aos cristãos joaninos defender seus pontos de vistas peculiares em cristologia e eclesiologia”.¹²¹

João interpreta a pessoa e obra de Jesus, no seio da experiência de fé da comunidade do Discípulo Amado. A identidade da comunidade do “Discípulo Amado” chamada a se tornar mais autêntica, começa a distinguir-se mais visivelmente da tradição judaica. O Sinal dos pães manifesta um significado maior dos gestos e palavras de Jesus. A estrutura narrativa, no conjunto do Livro dos Sinais, apresenta que na comunidade joanina havia conflitos e estes giravam em torno de Jesus, de sua vida e missão, isto é, do Verbo de Deus que se fez carne (cf. 1,1. 14), que dá pão à multidão (cf. 6, 5-12) e que é verdadeiro profeta e messias (cf. 6,14-15), que se dá a conhecer abertamente como o Pão da vida (cf. 6, 35.51).

Diante do que mencionamos, percebemos que o Sinal dos pães ressalta as ações de Jesus, ações que são reinterpretadas e que contêm significados profundos na tradição cristã. O evangelista relata fatos do passado, do Jesus histórico e da comunidade joanina, a partir do testemunho do Discípulo Amado, o que *viu e acreditou* em Jesus, para a realidade presente da comunidade (90 dC) e para seus leitores. Ao fazer isso parece recorrer ao símbolo, procedente da tradição veterotestamentária ou do AT, atualizando-o e reinterpretando a partir de Jesus Cristo e da experiência de fé da própria comunidade. Então, nos perguntamos se através das ações de Jesus, no Sinal dos pães, podemos encontrar indícios da comensalidade Eucarística?

na composição da obra. Ele é o supremo representante da tradição e um testemunho para a comunidade.” BROWN, R.E. *A comunidade*, p. 34.

¹²¹ BROWN, R.E. *A comunidade*, p. 32.

3 AS AÇÕES DE JESUS NO SINAL DOS PÃES

As ações de Jesus frente à multidão, com os discípulos e os alimentos, no Sinal dos pães, nos ajudaram a percebermos como maior propriedade os elementos da comensalidade Eucarística. Para isso, primeiramente destacaremos do texto, por versículos, vocábulos e ações significativas na perspectiva da comensalidade eucarística. Num segundo momento, retomaremos as ações propriamente eucarísticas apontadas no Sinal dos pães, para melhor visibilizarmos as ações de Jesus que remetem a uma comensalidade eucarística.

v.1 [Μετὰ ταῦτα ἀπῆλθεν ὁ Ἰησοῦς πέραν τῆς θαλάσσης τῆς Γαλιλαίας τῆς Τιβεριάδος.] *Depois disso, passou Jesus para a outra margem do mar da Galiléia ou de Tiberíades.*

Depois disso [Μετὰ ταῦτα] - referência vaga de sucessão.

... *Tiberíades* [τῆς Τιβεριάδος.] (Jo 6,1.23;21,1) - Esta informação faz parte das informações topográficas próprias de João, como as outra regiões que dizem respeito à Judéia e à Transjordânia, que os sinóticos, entretanto, deixam no escuro.¹²² O segundo genitivo τῆς Τιβεριάδος. [de Tiberíades] é acrescentado como explicação de Galiléia [τῆς Γαλιλαίας].¹²³ “Este nome aparece na literatura judaica do séc. I (Josefo: Oráculos Sibílinos)”.¹²⁴ É incerto se o nome “Mar de Tiberíades” foi usado de modo comum tão cedo como o ministério de Jesus, mas isso naturalmente não influencia a historicidade da narrativa de João. O autor parece não estar preocupado com o nome do mar, mas sim com as ações de Jesus neste lugar.¹²⁵

¹²² DEN BORN, Dr. A.V. (org), et alii. *João* (Evangelho). In: *Dicionário Enciclopédia da Bíblia*, p. 809.

¹²³ O nome para o lago da Galiléia, que não é usado em outro lugar do Novo Testamento, somente em João (6,1. 23; 21,1). Cidade fundada entre os anos 17 e 20 d.Cpor Herodes Antipas em honra ao Imperador Tibério. Cf. BARRETT, C.K.*The gospel*, p. 272s.

¹²⁴ BROWN, R. *El evangelio*, p. 445.

¹²⁵ Cf. BARRETT, C.K. *The gospel*, p. 272s.

v.2 [ἤκολούθει δὲ αὐτῷ ὄχλος πολὺς, ὅτι ἐθεώρουν τὰ σημεῖα ἃ ἐποίει ἐπὶ τῶν ἀσθενούντων] *Uma grande multidão o seguia, porque tinha visto os sinais que ele realizava nos doentes.*

... *porque tinha visto* [ὅτι ἐθεώρουν] - a multidão contempla *os sinais* [σημεῖα] realizados por Jesus e produz um entusiasmo que não merece sua aprovação. João somente tem falado de um sinal realizado sobre um enfermo na Galiléia (4,46-54). Não ressalta o Jesus taumaturgo, mas “o profeta” (cf. 4,19.44; 7,40.52; 9,17).¹²⁶

v.3 [α ἀνῆλθεν δὲ εἰς τὸ ὄρος Ἰησοῦς καὶ ἐκεῖ ἐκάθητο μετὰ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ.] *Subiu, então, Jesus à montanha e aí sentou com os discípulos. Jesus sentou* [ἐκάθητο] *com* [μετὰ = preposição genitiva] – Jesus não sentou sozinho, mas junto *com* os discípulos. Era de costume sentar-se para ensinar, ao ar livre (cf. Jo 4,6; Mt 13,1; 15,29); ou no átrio do templo (cf. Mt 26,55), e nas sinagogas para fazer a exposição das Escrituras, ou à mesa para tomar uma refeição (cf. Jo 12,1-3; 13,4).

... *os discípulos* [τῶν μαθητῶν] - última vez que João falou dos discípulos foi em 4,33, nos acontecimento em Samaria. Agora eles voltam a aparecer. Esses parecem representar aqueles e aquelas que seguiam Jesus de perto ou então os que pertenciam a comunidade do Discípulo Amado.

v. 4 [ἦν δὲ ἐγγὺς τὸ πάσχα, ἡ ἑορτὴ τῶν Ἰουδαίων] *E estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus.*

... *a Páscoa* [τὸ πάσχα] – na seqüência atual parece ter passado muito tempo desde a festa mencionada em 5,1, uma festa não esclarecida, talvez Pentecostes, Tabernáculos.¹²⁷ “Não esqueçamos que João gosta de inserir a revelação de Jesus no quadro das grandes festas litúrgicas de Israel: a Páscoa, a festas das Tendas, Dedicção do templo. Jesus leva a cumprimento – e ao mesmo tempo supera – aquilo que as festas significavam e esperavam”.¹²⁸ Esta é, portanto, a segunda Páscoa mencionada por João, que demarca a época e um tempo significativo: tempo de preparação de uma festa litúrgica de Israel,

¹²⁶ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 445.

¹²⁷ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 446.

¹²⁸ FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos* (II), p. 339s.

fazendo alusão ao êxodo do Egito e o sinal do maná,¹²⁹ no qual acontece o quarto Sinal: a multiplicação dos pães.

R.E. Brown acrescenta ao pensamento de Bultmann¹³⁰, segundo o qual a referência pascal foi acrescentada pelo redator que também introduziu os vv. 51-59, afirmando que os diversos traços peculiares na introdução à multiplicação: *os sinais* no v.2; *a multidão* nos vv. 2 e 5; e *o motivo pascal* se encaixa não somente nos vv. 51-59, como também na menção do *maná* no v. 31, pois o maná se menciona de modo destacado na liturgia da celebração pascal.¹³¹

Pelas ações com os pães, “[...], Jesus propõe demonstração antecipada do que será o êxodo do Messias. Encontram-se nesta seção muitos temas pertinentes ao êxodo: a passagem do mar (6,1), o monte (6,3. 15), a tentação (6,6), a infidelidade (6,15), o maná (6,31. 58) com menção explícita de Moisés”.¹³² Tudo isto indica que o êxodo de Messias vai acontecer na sua Páscoa (cf Jo 13,1ss), ou seja, na sua morte na Cruz e na Ressurreição.

v. 5 [Ἐπάρας οὖν τοὺς ὀφθαλμοὺς ὁ Ἰησοῦς καὶ θεασάμενος ὅτι πολλὸς ὄχλος ἔρχεται πρὸς αὐτὸν λέγει πρὸς Φίλιππον· πόθεν ἀγοράσωμεν ἄρτους ἵνα φάγωσιν οὗτοι;]

Levantando Jesus os olhos e vendo a grande multidão que a ele recorria, disse a Filipe: “Onde compraremos pão para eles comerem?”

... *levantando os olhos* [Ἐπάρας τοὺς ὀφθαλμοὺς] *e vendo* [θεασάμενος] – são dois verbos no particípio aoristo: apresenta algo típico da tradição redacional: Jesus é o protagonista da ação. Sua atitude é ativa e contínua. São os mesmos verbos em 4,35. Jesus é quem vê a situação: a multidão que acorria ao seu encontro. Ele não apenas olha, mas passa a agir a seu favor (cf. Êx. 3,7ss). Muita gente buscava alguma coisa de Jesus. Jesus, quando a vê a multidão passa a interagir com os discípulos em benefício dela (cf. Jo 6,5-12), apontando, assim, para uma outra relação entre as pessoas ali presentes.

¹²⁹ Cf. O'DAY, G. R. et alii. *The new interpreter's Bible*, p. 593.

¹³⁰ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 462s.

¹³¹ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 463.

¹³² MATEOS J. & BARRETO J. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, p 104.

... *muita gente ou grande multidão* [ὄχλος πολὺς]. No original vem sem o artigo, não se sabe se esta é a mesma multidão mencionada no v. 2. Não concorda com a tradição sinótica, pois há referência a uma multidão que o seguia ou que estava com ele, ou que recorre a ele. Também, “não é provável que se tratasse de multidões de peregrinos que iam celebrar à Páscoa, pois, o lago não se encontra no rota dos que seguiam aqueles que iam da Galiléia a Jerusalém; por outra parte, os peregrinos iriam providos de alimento”¹³³.

A *multidão*: do ponto de vista sociológico e antropológico, as pessoas parecem não ter identidade própria, pois se trata de um grande número de pessoas aglomeradas e não de indivíduos relacionáveis. Mesmo assim, Jesus a entende, a acolhe e a atende agindo em seu favor, dando um alimento indistintamente de raça, cultura, classe social, idade ou gênero de cada pessoa. Jesus vem ao encontro de todos e todos podem saciar-se do pão que ele distribui (cf. Jo 6,11). A partir disso, então, podemos falar de comensalidade.

... *que acorria* [ἔρχεται πρὸς αὐτὸν] – o verbo está no indicativo presente, que difere dos vv. 2-3 onde parece que a multidão já estava com Jesus. Poderíamos ter aqui um reflexo do tema teológico de acorrer a Jesus. De virem até ele para encontrar refúgio. Imediatamente, Jesus pergunta a *Filipe*, um de seus discípulos: “*Onde compraremos pão para ele comerem?*” Jesus sabe do que a multidão precisa e busca: de pão para comer, ou seja, algo concreto, visível e operante.

A pergunta com o vocábulo *onde* [πόθεν] ou *donde* (cf. 1,48; 2,9; 6,5b; 9,29), classificado como um adjetivo adverbial interrogativo, é um modo de Jesus perguntar que faz alusão à origem divina d’Ele. E “assim Jo chama desde o começo a atenção do leitor para a revelação divina neste texto”.¹³⁴

Filipe [Φίλιππον·] é citado em 1,43 e agora aqui junto com André (v. 8), o mesmo que em 12,21-22. Se a cena tem lugar em Betsaida como em Lucas (9,10), é lógico que a pergunta seja dirigida a Filipe, que possivelmente conhecia aquela região ou cidade.¹³⁵ “No

¹³³ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 446.

¹³⁴ KONINGS, J. *O encontro*, p. 38.

¹³⁵ Cf MATEOS, J. & BARRETO, J. *Vocabulário*, p.102; BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 446.

tempo de Jesus, a profissão de padeiro estava enormemente espalhada”,¹³⁶ e se poderia então comprar uma quantia de pão.

v. 6 [τοῦτο δὲ ἔλεγεν πειράζων αὐτόν· αὐτὸς γὰρ ἤδει τί ἔμελλεν ποιεῖν]. *Ele falava assim para pô-lo a prova, porque sabia o que faria.* O redator talvez dissesse que Jesus *falava assim*, para provocar nos discípulos uma reação. E ainda acrescenta *pô-lo à prova* [πειράζών], uma palavra que pode significar “experimentar ou testar” uma pessoa. “Este versículo é um parêntesis que o redator tem procurado excluir qualquer implicação de ignorância por parte de Jesus”¹³⁷. E o texto continua dando ênfase ao protagonismo de Jesus como também a seu potencial divino: *porque sabia o que faria* [αὐτὸς γὰρ ἤδει τί ἔμελλεν ποιεῖν].

v.7 [ἀπεκρίθη αὐτῷ [ὁ] Φίλιππος· διακοσίων δηναρίων ἄρτοι οὐκ ἀρκούσιν αὐτοῖς ἵνα ἕκαστος βραχύ [τι] λάβῃ.]. *Respondeu-lhe Filipe: “Duzentos denário de pão não seriam suficientes para que cada um recebesse um pedaço.”*

Filipe reage a partir da realidade dos fatos. Não consegue ir além do material. Ele entende de maneira meramente terrena, pois constata a falta de dinheiro para adquirir uma quantidade razoável de pão para dar de comer à multidão (Jo 6,6-7).¹³⁸

v. 8. [λέγει αὐτῷ εἷς ἐκ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ, Ἄνδρέας ὁ ἀδελφὸς Σίμωνος Πέτρου] *Um de seus discípulos, André, o irmão de Simão Pedro”, lhe disse: [ἔστιν παιδάριον ὠδε ὃς ἔχει πέντε ἄρτους κριθίνους καὶ δύο ὀψάρια· ἀλλὰ ταῦτα τί ἐστὶν εἰς τοσοῦτους]* “*Há aqui um menino, que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas o que é isso para tantas pessoas?*”

André [Ἄνδρέας] – no grego anêr/ andros significa “varão adulto”.¹³⁹ André possui outra visão, em relação a Filipe. Apresenta para Jesus um menino com cinco pães de

¹³⁶ JACOB, H.E. *Seis mil anos de pão: a civilização humana através do seu principal alimento*, 2003, p. 76s. Heinrich Eduard Jacob nasceu em Berlim (1889-1967), filho de um casal de judeus cultos. Escritor e historiador crítico. Menciona que, segundo Josefo, cada cidade da Palestina tinha os seus padeiros.

¹³⁷ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 446.

¹³⁸ Cf. MATEOS, J. & BARRETO, J. *Vocabulário*, p. 102.

¹³⁹ Cf. MATEOS, J. & BARRETO *Vocabulário*, p. 30.

cevada e dois peixinhos. Mas, apesar de adulto, ainda se encontre descrente, pois expressa que há pouco alimento, diante de tanta gente.

“No episódio dos pães, aparece André em contraposição a Filipe, com nova menção de parentesco com Simão Pedro (6,8). Ao passo que Filipe continua pensando em categorias de dinheiro, André, o que ficou com Jesus (1,39), propõe a solução do amor mútuo: compartilhar o pão que a comunidade possui; representando essa sob a figura de “menino” (6,8), demonstra participar da atitude de Jesus, que se faz servidor da multidão (6,11). A comunidade é, dessa forma, figurada como “varão adulto” (André) que se põe ao serviço dos seres humanos sem ostentação nem superioridade alguma (“menino”). André, porém, não tendo ainda total experiência da faculdade do amor, cuja plenitude se manifesta somente na cruz, duvida da sua eficácia (6,9)”¹⁴⁰.

A identificação de Filipe e André nos vv.7 e 8: Os especialistas repetem que a introdução de nomes pessoais em relatos parece dar à obra certa autenticidade. Em João este princípio resulta estranho pelo fato de que Filipe e André se encontrarem entre os membros mais ocultos do grupo dos Doze. Alguns pensaram que estes nomes foram introduzidos para que este evangelho fosse mais aceito na Ásia Menor, lugar tradicional da sua composição. Porém, outros se sentiram mais inclinados a pensar que estes dois discípulos estavam originalmente implicados no relato e que a recordação deste fato se conservou unicamente pela tradição de uma comunidade que deseja prestar-lhes especial devoção.¹⁴¹

João menciona o nome dos discípulos: André, irmão de Simão Pedro, e Filipe. O nome Simão Pedro remete ao tempo de Jesus histórico. Possivelmente, o redator quis trazer presente a tradição das comunidades cristãs apostólicas da igreja nascente, integrando a comunidade joanina na corrente apostólica, e ser aceita nos livros canônicos, sem perder a origem tradicional joanina do “Discípulo Amado”.¹⁴²

Os *pães* [ἄρτους] são *de cevada* [κριθίνους]. “Era mais comum o pão de trigo; o de cevada era mais barato e servia de alimento aos pobres”.¹⁴³ Em Lucas 11,5 aparece indicado *três pães* que eram considerados uma porção diária para uma pessoa.¹⁴⁴ “O pão

¹⁴⁰ MATEOS, J.& BARRETO, J. *Vocabulário*, p. 30s.

¹⁴¹ Cf. BROWN, R.E. *Introdução*, p. 463. BENÍTEZ, J.J. *O testamento de S. João*, p. 38s.

¹⁴² Cf. BROWN, R.E. *A comunidade*, p. 161-169.

¹⁴³ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 447.

¹⁴⁴ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 447.

não era um acompanhamento, mas sim o alimento principal da refeição. As camadas mais pobres viviam praticamente apenas de pão”.¹⁴⁵ Comiam com os restos das refeições como legumes, carne picada ou peixe.¹⁴⁶ Também, “ao longo de séculos, o salário dos trabalhadores era pago exclusivamente em pães”¹⁴⁷. Os pães eram arredondados e tinham o aspecto de umas pedras achatadas, vagamente elevados no centro, pouco mais grossos que um dedo. E como os pães eram pequenos, cada pessoa adulta comia pelo menos três pães às refeições.¹⁴⁸

E os dois *peixinhos* [ὀψάρια] que significa “pescado”¹⁴⁹, especialmente o “pescado seco ou em conserva”,¹⁵⁰ alimentos cozido e comidos por pessoas pobres e simples, que acompanha a pão. “Peixes em conserva eram o complemento mais usual e barato para o pão”.¹⁵¹

O fato parece remeter às idéias dos grandes profetas do judaísmo: o profeta Eliseu que com vinte pães saciou cem pessoas (2 Rs 42-44). Parece que, para enfatizar esta referência, Jo 6,9 tira, a partir daquela história, as expressões “menino” e “pães de cevada”. Também, o profeta Elias foi alimentado por Deus no deserto (1Rs 19,6). E, sobretudo Moisés que deu ao seu povo um alimento do céu (Êx 16,12-21,31. 35; Nm 11,4-9.21-23; cf. Jo 6,30-31).

v. 10 [εἶπεν ὁ Ἰησοῦς· ποιήσατε τοὺς ἀνθρώπους ἀναπεσεῖν] *Disse Jesus: “Fazei que se acomodem.”* [ἦν δὲ χόρτος πολλὸς ἐν τῷ τόπῳ]. *Havia muita grama naquele lugar.* [ἀνέπεσαν οὖν οἱ ἄνδρες τὸν ἀριθμὸν ὡς πεντακισχίλιοι.]. *Sentaram, pois os homens, em número de cinco mil aproximadamente.*

¹⁴⁵ JACOB, H.E. *Seis mil anos de pão*, p. 71.

¹⁴⁶ Cf. JACOB, H.E. *Seis mil anos de pão*, p. 71.

¹⁴⁷ JACOB, H.E. *Seis mil anos de pão*, p. 71.

¹⁴⁸ Cf. JACOB, H.E. *Seis mil anos de pão*, p. 71.

¹⁴⁹ Igual Jo 21,9. 13: ὀψάριον [peixe], alimento cozido que se come com pão. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 447. “Genericamente: prato.” RUSCONI, C. *Diccionario de Grego do Novo Testamento*.

¹⁵⁰ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 447.

¹⁵¹ BOOR, de Werner. *Evangelho de João*, p. 149.

Jesus pede aos discípulos para acomodarem a multidão sobre a grama. O pedido feito por Jesus: *fazei que se acomodem*, chama a atenção para uma ação seguinte que ele mesmo vai empreender, e que esta requer certa “acomodação”, ou seja, uma postura diferente frente ao que ele vai oferecer ou dar. Jesus propõe uma mudança de comportamento para quem vai ao seu encontro. Parece acreditar na capacidade da multidão se organizar e estabelecer novas relações. Desta forma Jesus deixa em evidência que suas palavras e ações, com o auxílio dos discípulos, levam a transformação na medida em que todos acolhem e fazem o que ele diz.

O redator ressalta que no lugar onde a multidão foi acomodada havia *muita grama*, indicando assim um tempo primaveril e um lugar de muita pastagem, conseqüentemente, de vida, de satisfação e alegria. Apontando para um tempo de cumprimento das promessas messiânicas (cf. Sl 23,2).

v.11 [ἔλαβεν οὖν τοὺς ἄρτους ὁ Ἰησοῦς καὶ εὐχαριστήσας διέδωκεν τοῖς ἀνακειμένοις ὁμοίως καὶ ἐκ τῶν ὀψαρίων ὅσον ἤθελον.] *Tomou, então, Jesus os pães e, depois de dar graças, distribuiu-os aos presentes, assim como os peixinhos, tanto quanto queriam.*

“*Tomou, então, Jesus os pães*” [ἔλαβεν οὖν τοὺς ἄρτους ὁ Ἰησοῦς]. O gesto de Jesus se aproxima da segunda narrativa dos Sinóticos e da fórmula da Ceia do Senhor conforme Paulo (1Cor 11,23-24). Jesus acolhe e recebe os pães trazidos pelo menino, e reza sobre eles, isto é, dá graças.

... *depois de dar graças* [εὐχαριστήσας] – o verbo dar graças deriva Εὐχαριστεῖν [eucaristia, ação de graças] tem este significado: pronunciou a ação de graças, que se distingue de εὐλογεῖν [bendizer], usado no relato sinótico da multiplicação para dar de comer a cinco mil pessoas. Portanto, é notória a relação com a idéia de que a Eucaristia é uma ação de graças.¹⁵² Afirma-se que até o séc. II não era predominante a idéia de “ação de graças” nos círculos cristãos. Talvez, Jesus pode expressar-se com palavras de bendizer ou dar graças. Pois, uma típica bênção judia sobre o pão era esta: “Bendito sejas, Senhor, rei do universo, que faz brotar o pão da terra”.¹⁵³ Contudo, João prefere, em geral,

¹⁵² BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 447.

¹⁵³ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 447.

Εὐχαριστεῖν ¹⁵⁴, inclusive quando não há ressonância sacramental eucarística, por exemplo, em cf. 11,41. Por razões de clareza traduzimos com termos distintos εὐλογεῖν e Εὐχαριστεῖν, pelo que se refere à ação de Jesus no transcurso da multiplicação. ¹⁵⁵

O verbo *distribuiu* [διέδωκεν] no indicativo aoristo ativo, na 3ª pessoa do singular, deixa em evidência a ação protagonista de Jesus. Em Marcos a comida é oferecida em seguida [ἐδίδου] aos doze para distribuírem à multidão; em João Jesus age independente dos discípulos.¹⁵⁶ Ele somente é quem age. Quem toma os pães, dá graças e distribui aos comensais, como também os peixinhos. Aqui Jesus assume a função de servidor da refeição. Ele faz questão de dar os pães às pessoas ali sentadas, como fará mais tarde na Última Ceia (cf. Mc 14,22; Mt 26,19; 1Cor 11,23-24). Essa ação de Jesus indica uma intenção particular e redacional de João. As variantes menores do v.11 reforçam a peculiaridade joanina cristológica, que retomaremos mais adiante, no ponto 3.1.

... *aos presentes* [τοῖς ἀνακειμένοις] Jesus dá os pães de cevada e os peixinhos aos que estão acomodados, isto é, sentados sobre a grama, junto dele e seus discípulos. “Os presentes” são os comensais que buscaram Jesus e aceitaram participar da refeição que ele tem para servir. E Jesus os serve “*tanto quanto quieram*” [ὅσον ἤθελον], generosamente os pães saem de seus mãos para os comensais.

v. 12 [ὥς δὲ ἐνεπλήσθησαν, λέγει τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ· συναγάγετε τὰ περισσεύσαντα κλάσματα, ἵνα μὴ τι ἀπόληται]. “*Quando se saciaram, disse Jesus a seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobraram para que nada se perca*”.

“*Quando se saciaram*” – deixa implícito de que todos comeram e ficaram saciados. Assim como Mc, Mt e Lc: todos comeram e ficaram satisfeitos. “O termo usado pelos sinóticos contém uma matriz que lembra mais claramente as promessas divinas de abundância no AT (Sl 37,19; 81,16; 132,15)”.¹⁵⁷ No versículo posterior (v.26) aparece o verbo saciastes (ἐχορτάσθητε), mas com matriz pejorativa: “*Vós me procurais... porque*

¹⁵⁴ Ver o quadro anexo que se encontra no final de dissertação.

¹⁵⁵ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 447.

¹⁵⁶ C.K. Barrett afirma que a variante entre διέδωκεν e ἐδίδου pode ter sugerido primeiro do latim, onde não havia equivalente adequado para o participio ativo aoristo grego. BARRETT, C.K. *The gospe*, p. 276.

¹⁵⁷ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 447.

comestes dos pães e vos saciastes”. Com isto, Jesus nos aponta para um significado maior do pão e de seu gesto com o alimento e a humanidade. O pão que Ele dá sacia toda a “fome” (cf.v. 35). De fato, para que os comensais ficassem saciados, tiveram que comer do alimento pão, ou fazer parte da refeição servida por Jesus.

O verbo “*recolhei*” [συναγάγετε συνήγαγον = συναγειν]. Somente usado no relato joanino; aparece nos relatos do AT sobre a recolhida do maná (cf. Êx 16,16). “Um nome da mesma raiz, *synaxis* que se designa a primeira parte das reuniões eucarísticas cristãs”.¹⁵⁸ Contudo, “*os pedaços*” [κλάσματα], como menciona a Didaqué (9,3.4), se usa esse termo grego para designar o pão eucarístico.¹⁵⁹

... *que sobraram* [τὰ περισσεύσαντα]. O verbo denominativo περισσεύω, significa “ser a mais”, “sobrar” ou “ser excessivo”. Portanto, “a idéia aqui é de “sobrante”, não de resto”.¹⁶⁰ Trata-se propriamente de uma “sobra”: a uma coisa que, de certo ponto de vista, era já completo vem acrescentar-se outra coisa, completamente nova em si mesma.¹⁶¹

O *para que nada se perca* [μή τι ἀπόληται] talvez possa estar ligado ao verbo “não se perder” [ἀπολλυμένην], remetendo a uma palavra do discurso em que o próprio Jesus opõe dois tipos de alimento: “*Trabalhai, não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que permanece até a vida eterna, alimento que o Filho do Homem vos dará(v.27)*”. Ou se baseia no tema do maná, desenvolvido depois no discurso¹⁶², mas já implícito no relato:

“A sobra manifesta o contraste entre o pão que Jesus dá e o alimento recebido no deserto. Os hebreus também haviam comido até a saciedade (Êx 16,3), porém, o maná se deteriorava se conservasse o excedente. O pão de Jesus, ao contrário, é destinado a perdurar: por ventura não simboliza ele a palavra da revelação ou dom eucarístico?”¹⁶³

¹⁵⁸ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 448.

¹⁵⁹ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 448.

¹⁶⁰ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 448.

¹⁶¹ Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João II*, p. 84.

¹⁶² Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho*, p. 84.

¹⁶³ Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João II*, p. 84.

Nesse versículo, Jesus parece estar nos dizendo de outra maneira que este pão é sinal da vida imperecível (cf. 6,39), um pão verdadeiro (cf. 6,23-24).

v. 13 [συνήγαγον οὖν καὶ ἐγέμισαν δώδεκα κοφίνους κλασμάτων ἐκ τῶν πέντε ἄρτων τῶν κριθίνων ἃ ἐπερίσσευσαν τοῖς βεβρωκόσιν] *Eles recolheram doze cestos com os pedaços dos cinco pães de cevada deixados de sobra pelos que se alimentaram.*

... *doze cestos* [δῶδεκα κοφίνους] - indica ser da tradição, pois os mesmos vocábulos aparecem nos sinóticos. Alguns exegetas sugerem que se trata de um cesto para cada um dos Doze. Porém, seria esta a primeira vez que em João se identificam os discípulos com os Doze (cf v.67).¹⁶⁴

... *os pedaços dos cinco pães de cevada deixados de sobra* - João repete os termos “os pães de cevada” e não menciona mais os peixinhos ou pescados. Difere da tradição marcana. Na tradição joanina, o acento está nos “pães de cevada”, no alimento pão. Talvez porque o pão será o tema do discurso. E o uso do verbo “*se alimentaram*” [βεβρωκόσιν], também parece preparar o discurso sobre o “*alimento*” [βρώσις] em 6,27.55.¹⁶⁵ Portanto, não será o pão um alimento essencial e significativo das ações de Jesus?

v 14. [Οἱ οὖν ἄνθρωποι ἰδόντες ὃ ἐποίησεν σημεῖον ἔλεγον ὅτι οὗτός ἐστιν ἀληθῶς ὁ προφήτης ὃς ἐρχόμενος εἰς τὸν κόσμον.] *Vendo o sinal que ele [Jesus] fizera, aqueles homens exclamavam: “Esse é, verdadeiramente o profeta que deve vir ao mundo!”*

O redator dá ênfase ao verbo *vendo* (ἰδόντες) *o sinal* (σημεῖον).¹⁶⁶ A palavra *sinal*, no singular, pode ser uma adaptação ao fato da multiplicação dos pães que havia

¹⁶⁴ Cf. BROWN, R.E. *El evangeli*, p. 448.

¹⁶⁵ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 448.

¹⁶⁶ No aparato crítico apresenta (1) ὃ ἐποίησεν σημεῖον [fazendo o sinal] Códice Vaticano (B) : séc. I; (2) ὃ ἐποίησεν σημεῖον ὃ Ἰησοῦς [vendo o sinal que Jesus]Códice Alexandrino (A) : séc. IV; Manuscritos, textos Bizantino (L) : edições após séc. V; Texto Cesareense (θ) : (em Mc 5,31-16,20) Texto Alexandrino Posterior (ψ) : (em Mc e parcial. Lc e Jo) (3) α ἐποίησεν σημεῖα [fazendo os sinais] Códice Vaticano (B) : séc. IV, Papiro (P75) Manuscrito 091pc a (mencionado por poucos manuscritos). .) A inclusão de ο Ἰησοῦς [Jesus] foi acrescentada pelos copistas com o objetivo de [oferecer] clareza. Apesar da combinação de P75 B *it^a* (todos ou a maioria dos manuscritos latinos antigos) com apoio de ἄ... σημεῖα [substantivo acusativo neutro plural comum = sinais] é impressionante, o plural parece ser o resultado da assimilação escríbal de 2,23 (vendo os sinais que fazia) e 6,2 (tinha visto os sinais). É, portanto, uma forte combinação. A inclusão de ὃ Ἰησοῦς foi acrescentada pelos copistas com o objetivo de [oferecer] clareza. METZGER, Bruce M.. *A textual cometary on the greek New Testament*, 1975, p. 211s.

acabado de ser testemunhada,¹⁶⁷ em pleno dia (cf. 6,16). Ao finalizar a narrativa, João deixa em evidência que os comensais presentes não entenderam o “sinal” (vv.14-15).

... *o profeta que deve vir ao mundo* [ὁ προφήτης ὁ ἐρχόμενος εἰς τὸν κόσμον.] - Embora, os vv 14-15 fossem independentes em algum momento do relato da multiplicação, é possível que tenhamos aqui uma alusão mais genérica a um profeta. Porém, Jesus multiplica o pão de cevada, como havia feito Eliseu, discípulo de Elias (2Rs 4,42-44). E em 1 Rs 19, se estabelece um paralelo entre Elias e Moisés, e que este versículo poderia ser resultado de uma combinação destes dois personagens.¹⁶⁸ Jesus não quer criar ilusões, a partir de suas ações, gestos e palavras. Mas parece estabelecer uma nova compreensão da vida de fé n’Ele.

v.15 Para concluir, relata: [Ἰησοῦς οὖν γινούς ὅτι μέλλουσιν ἔρχεσθαι καὶ ἀρπάζειν αὐτὸν ἵνα ποιήσωσιν βασιλέα, ἀνεχώρησεν πάλιν εἰς τὸ ὄρος αὐτὸς μόνος.] “*Jesus, porém, sabendo que viriam para fazê-lo rei, retirou-se de novo, sozinho, para a montanha.*”

O verbo *buscá-lo* no sentido de “apoderar-se dele”.

O verbo *sabendo* [γινούς] – reforça a divindade de Jesus, já mencionado anteriormente (no v.6).

O verbo *afastou-se ou retirou-se* [ἀνεχώρησεν]¹⁶⁹ é uma palavra freqüentemente usada por Mateus, aparece com freqüência no seu evangelho (2,14,22; 4,12; 12,15; 14,13; 15,21; 27,5) uma vez em Mc (3,7) e nesta nossa perícope.

A palavra *rei* [βασιλέα] remete ao reinado de Jesus, um dos muitos temas da narrativa joanina da Paixão (18,33). Nela Jesus afirma que seu reinado não é deste mundo

¹⁶⁷ Essa idéia encontra-se em R.E. BROWN (*El evangelio según Juan*, p. 448, como em C.K. BARRETT (*The gospel according to St. John*, p. 277).

¹⁶⁸ Cf. BROWN, R. E. *El evangelio*, p. 448.

¹⁶⁹ Códice Vaticano (B): séc. IV; (1) Variante do verbo φεύγει [foge = pôr em fuga] Códice Sinaítico (X*): séc. IV ;Versão lat (manuscrito latino antigo e a Vulgata) e Syc (Versão siríaca curetoniana). Embora seja possível que ἀνεχώρησεν [verbo indicativo aoristo ativo = retirou-se/partiu] Talvez “ela possa ter sido substituída pelos copistas por φεύγει [fugiu/foge] (já que *fuga* seria algo impróprio para Jesus). O antigo e difundido testemunho ampara ἀνεχώρησεν [afastou-se ou refugiou-se]. Consideraram φεύγει [fuga = foge] como uma leitura tipicamente ocidental introduzida em diversos testemunhos no intuito de avivar a narrativa (Syc funde/une ambas as leituras, “ele os deixou e retirou-se novamente...” METZGER, Bruce M. *A textual commentary on the greek New Testament*, p. 211s.

(18,36); o reinado oferecido a ele, aqui neste mundo, é aquele ao qual deve renunciar. Conclui-se que a conexão entre vv. 14 e 15 não é imediatamente clara. No primeiro, os homens o têm como um profeta, no último ele se retira ou foge da tentativa de transformá-lo em rei. A explicação provavelmente pode ser encontrada na figura de Moisés como o modelo de Rei-Profeta.¹⁷⁰ Os judeus acreditavam que o Messias vinha ao mundo como profeta e este poderia ser “feito” rei.¹⁷¹ Jesus se retira para a montanha, sozinho.

Constata-se, portanto, que “é difícil interpretar a identificação entre o profeta e o rei (messiânico), pois em 1,21 e em 7,40-41 se distingue entre o profeta (semelhante a Moisés) e o Messias”.¹⁷² Em certos setores do judaísmo se esperava que o Messias, o rei ungido davídico aparecesse pela ocasião da Páscoa.¹⁷³ Em Qumran a vinda do Profeta precedia à do Messias.¹⁷⁴

Conforme o texto, uns identificam Jesus com “o profeta que tinha que vir ao mundo”, maior do que Eliseu (cf. 2Rs 4,42-44) e outros, e fazê-lo rei, segundo a idéia messiânica tradicional de chefe do povo. Portanto, “esta segunda interpretação é rechaçada por Jesus, que se retira novamente para a montanha. Mais tarde, a multidão o busca por próprio interesse, e não pelo significado do sinal (6,26); daí a censura de Jesus (6,36)”.¹⁷⁵

Segundo as concepções judaicas, estes prodígios deveriam se repetir nos tempos messiânicos. João, porém, quer expressar aqui a presença da atuação escatológica e salvífica de Deus pela realidade necessária e abundante de pão: *tanto quanto queriam* (6,11) e no pedir para os discípulos: *recolhei os pedaços que sobraram para que nada se perca* (v.12b).¹⁷⁶

¹⁷⁰ Cf. BARRETT, C.K., *The gospel*, p. 278.

¹⁷¹ PIXLEY, Jorge. O império no evangelho segundo São João. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americano*, p. 101s.

¹⁷² BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 448s.

¹⁷³ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 448.

¹⁷⁴ BROWN, R. E. *El evangelio*, p. 449.

¹⁷⁵ MATEOS, J. & BARRETO, J. *Vocabulário*, p 260.

¹⁷⁶ Cf. KONINGS, J. *O Encontro*, p. 37s.

Pelo visto, o relato da multiplicação dos pães começou a ser transmitido no ensinamento tradicional da comunidade primitiva cristã e sua relação com o alimento pão, peculiar do povo de Deus, foi sendo reconhecido como o pão eucarístico. Talvez, os discípulos de Jesus resignificaram a práxis de Jesus, de sua refeição cotidiana com ele, depois de sua morte da ressurreição (cf. Jo 21,1ss) para sua vivência comunitária da vivência da fé em Jesus Cristo. O pão torna-se Eucaristia, presença viva de Jesus na comunidade reunida em seu nome. Para melhor dar-se conta dos estreitos paralelos existentes, vamos ressaltar algumas ações de Jesus, no Sinal dos pães, na perspectiva da comensalidade eucarística.

3.1 O sinal do pão: uma fonte eucarística

A todo instante, na narrativa do evangelho de João, Jesus de Nazaré é “simbólico” do Ressuscitado,¹⁷⁷ que é seu protagonista e aquele que está glorificado junto do Pai e presente na comunidade dos crentes. Para a comunidade joanina, Jesus agiu no passado, e continua agindo no presente, para que a vida seja eterna (cf. 6,51. 54). Parece, então, que comer do pão distribuído por Jesus, é convite para participar da sua “mesa”, do seu serviço generoso e ativo do amor em comunhão com Pai (cf. 6,57).

Sabemos que João não relata a instituição da Eucaristia. Jesus, na Última Ceia (13,1ss),¹⁷⁸ não pronuncia a fórmula eucarística, porém em 6,51b: “O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo” _ pode bem ser a fórmula joanina comparável a “Isto é o meu corpo que é dado por vós” de Lc 22,19 e 1Cor 11,24”.¹⁷⁹ No decorrer do cap 6 evoca a eucaristia, como fonte de vida e esperança.

No Sinal dos pães, João narra as ações de Jesus com os verbos-chaves: *tomou* os pães, no sentido de acolher, receber ou ter em sua posse, e *depois de dar graças* [εὐχαριστήσας], conjugado no particípio aoristo ativo nominativo masculino singular, proveniente do verbo denominativo εὐχαριστέω, de onde deriva “Eucaristia” [εὐχαριστία],

¹⁷⁷ LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do evangelho segundo João I*, p. 25.

¹⁷⁸ João difere da indicação cronológica dos sinóticos da Última Ceia que seria dia 15 do mês do Nisan, João acentua o antes da festa da páscoa, o dia de preparação da Páscoa (cf. 18,28; 19,14. 31), portanto, a Ceia aconteceu um dia anterior, 14 de Nisan. Segundo Jo 19,36, Jesus morre na hora em que são abatidos os cordeiros pascais. Jesus é o cordeiro Pascal. GOPPELT, L. *Teologia do Novo Testamento*, p. 225.

¹⁷⁹ Cf. BROWN, R.E. *Introdução*, p. 474.

um substantivo deverbativo; e o *distribuiu* os pães tal qual fará na última Ceia. Depois dos comensais terem-se saciado do pão, Jesus faz o pedido aos discípulos: *recolhei os pedaços ou fragmentos*,¹⁸⁰ *para que nada se perca*. Portanto, a cena dos pães, interpretada pelo evangelista João, “comporta traços particularmente que poderiam salientar o simbolismo eucarístico”¹⁸¹ e, implicitamente, a comensalidade deste pão, na comunidade do “Discípulo Amado” ou dos crentes.

“Jo deu ao passado uma mais-valia na qual se reconhece a plenitude da fé pascal. Poder-se-ia dizer que o passado ao qual o texto se refere é e não é o presente de Jesus e dos crentes. O evangelista foi quem reuniu as duas realidades mediante uma “operação simbólica” [...] “o passado não é a ocasião de uma reflexão sobre o presente nem um modelo; ele já é, sem o ser, o próprio presente, como um ícone no qual, através dos traços fixados pelo pintor ..., o orante ortodoxo é posto em presença do mistério”.¹⁸²

O relato joanino do Sinal dos pães apresenta certa adaptação à cena da instituição da Eucaristia,¹⁸³ ou seja, da presença do mistério. E as adaptações são distintas das adaptações próprias dos relatos sinóticos. No v. 11, como já referimos acima, três verbos remetem à Eucaristia: *tomou* [ἐλάβεν], depois de *dar graças* [εὐχαριστήσας] e o *distribuiu* ou “deu” [διέδωκεν]. Tanto João como o segundo relato da multiplicação nos sinóticos usa εὐχαριστεῖν (Mt 15,36; Mc 8,6). “O verbo εὐχαριστεῖν tradução helenizante de outro verbo, que, juntamente da raiz barak [bendizer], provém do grande filão da oração vétero-testamentária: ele é representado pela raiz yadáh [confessar] e significa a um tempo “confessar o Senhor”.¹⁸⁴ E a expressão joanina: *Quando estavam saciados...* (v. 12) salienta a repetição da liturgia eucarística, pois aparece também no relato do banquete eucarístico da *Didaqué*, em que depois de constar no cap. 9 a oração eucarística sobre o cálice e o pão, começa 10,1 com as palavras: *quanto os haveis saciado...*¹⁸⁵

¹⁸⁰ E a palavra grega klasma, que significa “fragmentos”, aparece como nome técnico para a Hóstia, na primitiva literatura cristã. Cf. BROWN, R.E. *Evangelho*, p. 62.

¹⁸¹ BROWN, R.E. *Introdução*, p. 473.

¹⁸² LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*: palavra de Deus, p. 25s.

¹⁸³ Ver quadro em anexo que se encontra no final da dissertação. Cf. BROWN, R. E. *El evangelio*, p. 460s.

¹⁸⁴ GIRAUDO, C. *Num só corpo*, p. 151.

¹⁸⁵ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 466; THEISSEN, G. & MERZ, A. *O Jesus Histórico*, p. 435.

O detalhe joanino no v. 12, onde Jesus diz a seus discípulos: *Recolhei* [συναγάγετε] os *pedaços que sobraram* [περισσεύσαντα κλάσματα] *para que nada se perca* [τὰ ἵνα μή τι ἀπόληται] ressoa com maior clareza a repetição eucarística.¹⁸⁶

“João aproxima-se muito da oração da Didaqué sobre o pão: Ao que se refere ao pão partido [klasma], Te damos graças [eucharistein], Pai nosso... Como este pão fracionado estava disperso pelas montanhas, mas foi recolhido [synagein] e tornou-se um que a tua Igreja seja recolhida dos quatro ângulos da terra em teu reino”.¹⁸⁷

A Didaqué utiliza a junção dos fragmentos eucarísticos como um símbolo da reunião da Igreja.¹⁸⁸ Os doze cestos podem ser o símbolo das comunidades cristãs. E outra possível alusão eucarística é que na Comunidade Cristã primitiva se usava o pão de cevada para celebrar a Eucaristia.¹⁸⁹

Contudo, o exegeta R.E. Brown afirma que a importância dessas observações ficará patente quando tratar-se da pretensão de Bultmann no sentido de que, unicamente, a adição dos vv.51-59 introduziu o motivo eucarístico no cap. 6. Mas, é “mais certo que a adição desses versículos serviu para acentuar a matriz eucarística que já estava ali”,¹⁹⁰ no acontecimento da multiplicação dos pães. E mais, ele adverte que alguns investigadores assinalam as palavras *para que nada se perca* (v.13), fazem menção ao cuidado com que eram tratados os fragmentos eucarísticos na Igreja primitiva. Também, pode tratar-se simplesmente de uma preparação do v. 27, em que Jesus disse ao povo que não entendeu o sinal dos pães: que precisa esforçar-se para adquirir o alimento que dura até a vida eterna.

Os detalhes peculiares do v. 8: João especifica que o menino/rapaz [παιδάριον] tinha cinco pães de cevada e dois peixinhos [ὀψάρια] ou pescado seco [ὄψαριον]. Aqui,

¹⁸⁶ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 466.

¹⁸⁷ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 466

¹⁸⁸ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 466.

¹⁸⁹ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 467.

¹⁹⁰ BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 467.

nada de inverossímil há neste detalhe, pois o “menino” e os “pães de cevada” recordam o relato de 2 Rs 4,38. 42 sobre Eliseu.¹⁹¹ O paralelo apresenta ser chamativo e importante:

“ Um homem se aproxima de Eliseu levando doze pães de cevada (uma das quatro vezes que “de cevada” se usa em forma de adjetivo na LXX). Eliseu disse: “Dà os pães aos homens para que comam.” Se acha presente um servente (chamado aqui *leitourgos*, designado, pois como *paidarion*...). O servente pergunta: ‘Como vou servir isto para cem pessoas?’ (uma pergunta semelhante a do v 9 de João). Eliseu repete a ordem de que se distribua o pão aos homens, e todos eles comem e ainda sobra algo”.¹⁹²

A ação do menino é levar ou entregar para Jesus o que possuía: cinco pães e dois peixinhos, que são frutos da terra e do trabalho humano. Contudo, os pães de cevada são “pães de primícias”, isto é, feito com a colheita nova para servir de oferenda divina (Lv 23,17; cf. Êx 23,19). “Na base da transformação operada por Jesus, encontrar-se-ia, assim, um pão saído da terra (Jó 28,5), que é também um pão ritual”.¹⁹³ As ações de Jesus com os pães que distribui e alimenta a multidão não será a introdução de uma nova liturgia? Com relação aos peixinhos, parece que o termo “peixe” [ἰχθύς] da tradição sinótica pode ter maior alcance teológico, pelo fato que no cristianismo primitivo as letras desta palavra se converteram em acróstico para designar o Cristo.¹⁹⁴

Os traços eucarísticos dos vv.11,12 e 13 demonstram que em “todos os relatos da multiplicação têm muito peso o motivo eucarístico”.¹⁹⁵ Porém, João não segue o modelo habitual dos milagres realizados por Jesus segundo a tradição sinótica, como já se assinalou acima. Depois dos notáveis paralelos, como no uso de κλάσμα, εὐχαριστεῖν e συναγάγειν se observa que João também enfatiza que a multiplicação foi numa montanha, próximo de Tiberíades, pelas regiões do mar da Galiléia e que menciona o tema de Jesus como rei (v.15).

¹⁹¹ Embora R.E. Brown lembra que Bultmann põe em dúvida a ligação entre o relato de João e o de 2 Rs 4,42, os paralelos são evidentes. Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 464.

¹⁹² Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 464.

¹⁹³ LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho*, p. 81.

¹⁹⁴ Para R.E. Brown o termo *peixe* não tem maior importância em João (BROWN, R. E. *El evangelio según Juan*, p. 464.) Embora os primeiros cristãos usassem o ἰχθύς [peixe] como símbolo (HEINZ-MOHR, G. *Diccionario dos Símbolos: imagens e sinais da arte cristã*, p. 283s.)

¹⁹⁵ Embora Brown admite que a tradição joanina da multiplicação possa ser independente. BROWN, R. E. *El evangelio*, p. 464-466.

Brown adverte-nos que, a reação dos “galileus” (cf.vv. 14-15) frente aos sinais abre caminho para o profundo mal entendido que se produz em torno da multiplicação dos pães e perante todo o discurso que dele se faz, constata-se isso nos vv. 26s.¹⁹⁶

João se desvia das narrativas sinóticas, e realmente não narra o partir do pão ou o papel dos discípulos na distribuição (cf v.9). Porém, ele não está preocupado em ensinar uma doutrina específica da eucaristia; seu efeito é apontar para o discurso seguinte (6,26-58)¹⁹⁷ e revelar seu plano de vida e amor, e das condições para os que o aderem e o seguem (cf. 6, 67-69).

Portanto, a intenção do evangelista parece mostrar o sentido de uma história tanto humana quanto divina e, para isso, deteve-se especialmente nos fatos que podiam apresentar ao seus olhos um valor simbólico, dando-lhes profundidade e ressonâncias novas. A multiplicação dos pães é Sinal dos dons que Jesus traz ao mundo – o Pão da Vida (cf. Jo 6,35). Jesus vê os fatos históricos em sua dimensão espiritual e toda sua vida é definitivamente o cumprimento das grandes figuras messiânicas do Antigo Testamento como se pode verificar no caso em que o pão da vida substitui o maná (Jo 6,1ss).¹⁹⁸

A narrativa do Sinal dos pães, “contém vários pormenores típicos cuja intenção é fazer lembrar ao leitor cristão a Eucaristia (à qual a narração se volta nos versículos 51 a 59)”¹⁹⁹ João recorre ao símbolo: as realidades sensíveis, para manifestar o sentido profundo das ações ou obras de Jesus.²⁰⁰ Os pães de cevada são alimentos concretos e sensíveis que também são se tornar símbolo. Daí porque o Sinal dos pães, realizado “próximo a Páscoa, festas dos judeus”(v. 4), chama atenção para as ações de Jesus, de seus gestos e palavras com o alimento pão, em benefício da multidão. Tudo é muito significativo e nos apontam para uma comensalidade Eucarística.

¹⁹⁶ Cf. BROWN, R. E. *El evangelio*, p. 468s.

¹⁹⁷ Cf. BARRETT, C. K. *The gospel*, p. 276.

¹⁹⁸ Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM: *Introdução ao Evangelho de João*, 2003.

¹⁹⁹ BROWN, R.E. *Evangelho de João e Epístolas*, p. 62.

²⁰⁰ LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João I: Palavra de Deus*, p. 25.

4 A COMENSALIDADE EUCARÍSTICA NO SINAL DOS PÃES

A trajetória realizada na análise da perícopes Jo 6,1-15, da multiplicação dos pães feita por Jesus, aponta para a comensalidade dos pães de cevada. Tais pães são feitos Eucaristia pela ação, gestos, palavras e atitudes de Jesus. Portanto, ao chegar ao último capítulo desta dissertação, tentaremos demonstrar os elementos que apontam à comensalidade da Eucaristia, no Sinal dos pães.

Comer parece ser um ato cósmico. Pois, “obter um pouco de comida é experimentar o universo, entrar no profundo mistério da transformação que nós chamamos vida”.²⁰¹ O mesmo, talvez, se pode dizer quando a multidão faminta comeu dos pães de cevada e dos peixinhos trazido por “um menino” (v.9), tomado nas mãos por Jesus e distribuído, depois de ter e dado graças (v.11). Entra-se na dinâmica de Jesus, ou seja, no seu profundo mistério de transformação. Ainda hoje, toda vez que comemos do Pão eucarístico, significa pôr para dentro da gente o mesmo empenho humano de Jesus,²⁰² de servir e dar-se para que todos tenhamos vida em abundância (cf. Jo 10,10) e uma vida eterna (cf v.51).

Na Eucaristia, Jesus Cristo “nos é comunicado em alimento” (SC 47), pelas espécies eucarísticas se oferece a nós como outrora se ofereceu na Cruz (SC 7). O ato de comer do mesmo pão, como corpo de Jesus Cristo (cf. 6, 51; Mc 14,22 e 1Cor 11,23-24), nos compromete com sua ação, gesto e palavra. Pois, toda a ação de Jesus comunica vida que recebeu do Pai (cf. 6,57).

O Sinal dos pães nos indica que Jesus, no seu ministério compartilhava do pão com a multidão, e que todos tinham acesso a sua comensalidade (cf. Lc 14,15-24).²⁰³ As idéias dos antropólogos que mencionamos na introdução deste trabalho, nos permitem a perceber os elementos da comensalidade no Sinal (Jo 6,1-15).

A comensalidade Eucarística nos parece ser o verdadeiro espaço para criar e recriar novas relações de gratuidade, de tolerância, de solidariedade e compromissos com a

²⁰¹ GONZALEZ, Paula. Living in a Eucharistic Universe. *Earth Libht - Jornal for Ecological & Spiritual Living: Food, Sacrament, Cosmos*. v. 14, n. 1 Issue 50 Spring, p.31 (Bióloga cristã).

²⁰² Cf. ARAÚJO, S.F. A Eucaristia: A refeição eucarística no evangelho de São João. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, p. 145.

partilha dos bens materiais e espirituais. Assim, as relações humanas, com Deus amor (cf. Jo 15,12ss; 1 Jo 4,7) e com o cosmos serão sinais visíveis da convivialidade fraterna, em Jesus Cristo, hoje.

Portanto, pela análise realizada, nos desafiamos a apresentar alguns elementos que nos parece remeter para uma comensalidade Eucarística.

4.1 Os Elementos da Comensalidade Eucarística

Apresentaremos nove elementos indicativos de uma comensalidade Eucarística, no Sinal dos pães, com o intuito hermenêutico de contribuir na reflexão das ações litúrgicas eucarísticas.

4.1.1 Pessoas que acorriam para Jesus: a “grande multidão” (v. 5)

Quando se fala em multidão, falamos de pessoas “sem nome”, ou seja, não identificadas pessoalmente. A multidão, portanto, é um aglomerado de gente. Na multidão pode haver pessoas de todas as idades, gêneros e culturas. Geralmente, “multidão” são pessoas simples e sofridas (cf. Mt 14,14; Mc 6,33-34), que recorrem ajuda de alguém. Daí, talvez, porque grande multidão acorria a Jesus (cf.v. 5). Acorrer a alguém é um jeito de pedir ajuda. Jesus é esse alguém que tem a capacidade de ajudar e oferecer algo mais que dá vida (cf.v. 2) e sacia toda a fome. Do contrário, não iriam ao seu encontro (cf.v. 5). Jesus, ao ver essa “grande multidão”, sabia do que precisava e o que iria fazer: pão para comer, e faz uma refeição com todas as pessoas presentes (vv. 5-11).

Jesus, em seu ministério, sempre estava em contato com pessoas necessitadas de ajuda (cf. Jo 4, 46-54; 5,1-5; Mc 5,21-43), e com elas realizando as refeições em conjunto ou comunitária (cf. Mt 14,15-18; Mc 6,35-38; Lc 9,12-13), num espaço aberto (cf.v. 10b; Mc 6,39) onde todos que o desejavam podiam se aproximar dele, conviver (cf. Jo12,2) e, assim, fazerem parte da sua “mesa”.

Jesus, “levantando os olhos e vendo” (v. 5) a multidão se preocupa com ela, a entende e a acolhe em sua condição humana, relacional e de fé. André, um dos discípulos que estava sentado com Jesus, depois de ser interrogado pelo próprio Jesus sobre a realidade da multidão, propõe a solução do amor mútuo ou de compartilhar o pão que se

²⁰³ Cf. CROSSAN, J.D. *Jesus*, p. 83.

tem ou que a comunidade possui (cf. vv. 8-9). Assim, ao colocar em comum o alimento e comê-lo juntos, era dado condições para que todos obtivessem mais vida e pudessem conhecer ou crer no Filho de Deus, Jesus, até o fim.

4.1.2 Jesus quer oferecer uma refeição: “Onde arranclaremos pão para eles comerem?”(v. 5b)

Jesus com estas palavras manifesta sua acolhida. Sua disposição em oferecer uma refeição Antes que as pessoas da multidão expressassem seu desejo ou pedido, ele se antecipa: “Onde arranclaremos pão para eles comerem?” (v.5b) E começa a preparação da comensalidade. Chama a atenção dos discípulos à realidade da multidão e do alimento que precisa para a “mesa”. O ato de comer junto um alimento parece ser muito importante para Jesus. O próprio alimento pão faz parte da natureza humana, traz energia e vida. E tê-lo para comer é um bem comum de todo ser humano.

O pão era uma comida comum. O pão não era um complemento alimentar, mas uma refeição. Jesus se preocupa com o alimento a oferecer. Ele sabia o que estava fazendo (cf. 6,6). Assim, com os pães de cevada, prepara uma refeição para a multidão e com ela vai criar e estabelecer novas relações com ele, entre os discípulos e os comensais presentes.

A ação de Jesus manifesta acolhida à humanidade e total hospitalidade para com quem se achega a ele. E assim, deixa em evidência que deseja todos fazendo parte da sua “mesa”, e o exemplo de como acolher e ajudar as pessoas (cf. Jo 13,15). Isso nos indica que a comensalidade se faz na medida em que se permite a aproximação e se acolhe verdadeiramente o outro, independente de etnia, sexo e crença, etc. A partir dessas palavras, gestos e atitudes de Jesus acontece a comensalidade Eucarística.

4.1.3 Um convite à “mesa”: “Fazei que se acomodem.”(v. 10)

O verbo *acomodem* [ἀναπεσεῖν] procedente do verbo ἀναπίπτω, do indicativo aoristo ativo, que significa sentar-se, reclinar-se ou acomodar-se. Tal ação era comum a pessoa fazer ao tomar uma refeição comunitária ou no ato de comer junto, quando aceito no grupo ou na família. Portanto, o pedido de Jesus, aos discípulos, para acomodar a multidão (Jo 6,10) indica que todos são aceitos e convidados e sentarem-se com ele, ou seja, fazerem parte da sua “mesa” (cf. Lc 14,12-24), e que algo mais ainda vai acontecer.

Jesus prepara os discípulos para se relacionar com as pessoas diferentes que se aproximam dele de uma outra forma. Indica que é preciso acolhê-las e organizá-las para que todos possam conviver e sentirem-se saciadas das suas necessidades. Assim, possibilita relacionamentos novos entre as pessoas e um jeito diferente de conviver em comunidade, de se relacionar com a natureza e seus frutos, dom de Deus.

Os discípulos e a multidão acolheram o pedido de Jesus. Todos sentaram e se dispuseram a entrar na dinâmica da “mesa” de Jesus: a se relacionar de modo diferente com os diferentes. Eram em torno de cinco mil pessoas (cf. 6,10). Não se sabe quanto tempo os discípulos levaram para organizar as pessoas no ambiente. Sabe-se que o lugar em que se debruçaram ou se reclinaram havia “muita grama” (v.10c), indicando ser um espaço aberto e primaveril, e que o chão terra passa ser a “mesa comum”. Assim, Jesus abre espaço para uma comensalidade, onde as obrigações mútuas como: organização, preparação, acolhida pudesse favorecer a convivialidade, a reciprocidade e todos comerem dum mesmo alimento - os pães de cevada com os peixinhos - de forma comunitária, igual e dignamente (cf. 6,9-11).

4.1.4 O alimento comum: “os pães de cevada”(v. 9)

Sabemos que o pão era um alimento básico dos povos, desde os mais antigos. Para o povo de Israel, o pão tornou-se também um alimento significativo: o pão da passagem, primeiro da colheita, e depois como memória da libertação da escravidão do Egito – a Páscoa, festa principal dos judeus. Na festa da Páscoa, comia-se ázimos (cf. Êx 12,15s; Dt 16,1ss) - um pão de sofrimento, numa ceia memorial.

Aqui, no Sinal dos pães, o pão de cevada era um alimento mais barato, portanto, um pão dos simples e dos pobres.²⁰⁴ O pão não era apenas um acompanhamento da refeição, mas o alimento principal da refeição. Isso indica que o povo da Palestina e no tempo de Jesus tinha o costume de comer pão, como refeição.

Também nos parece que a comunidade joanina era pobre e que depois da morte e ressurreição de Jesus, passa a comer o pão em memória de Jesus (cf. 6,11): o Pão da vida (cf. 6,35.48.51). Quando se reuniam, comiam juntos os pães, de forma partilhada (cf. At 2,44-45) a ponto de todos ficarem saciados (cf. 6,12^a). Portanto, tudo indica que a

²⁰⁴ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 447.

comensalidade realizada por Jesus e depois pela comunidade cristã joanina e outras se tornaram uma comensalidade Eucarística (cf. 1 Cor 11,23-24; Mc 8,6; 14,22).

4.1.5 A ação de Jesus com os pães: “*Tomou, então, Jesus os pães...*”(v.11)

O verbo tomar pode designar tantas outras ações. Mas Jesus *tomou*, portanto, os pães nas mãos. Ele tomou “posse” deles, como um bem seu e, com eles, realiza uma ação em benefício da multidão (cf. 6,11). Semelhante ao gesto ritual realizado por aquele que preside uma ceia judaica,²⁰⁵ ou numa refeição pascal, onde o pai da família ou a pessoa mais velha tomava o pão nas mãos e o abençoava e o partia. Aqui, Jesus parece estar fazendo o mesmo. Pega nas mãos os pães, trazidos por um menino (cf. 6,9) e faz uma ação de graças com eles e depois os partilha aos comensais. Talvez essa prática fosse feita na comunidade joanina, com os pães de cevada partilhados. Todos que acreditavam e professavam a fé em Jesus, o Filho de Deus, comiam juntos os pães que tinham, em memória de Jesus, da sua “mesa”.

4.1.6 Jesus agradece o alimento pão: “*depois de dar graças, ...*” (v.11)

Antes de servir os pães de cevada, Jesus deu *graças* com os pães nas mãos. Esta ação de graças sobre os pães, alude à bênção específica do pão, na ceia judaica: *Bendito és tu, Senhor nosso Deus, rei do mundo, que fazes sair da terra o pão.*²⁰⁶ Somente depois de ter feito tal ação ou oração, Jesus começa a servir aos comensais, ou seja, a “mesa”. Com essa ação Jesus parece estar prefigurando sua Páscoa, sua passagem deste mundo ao Pai (cf. Jo 13, 1s), e uma nova ceia, para os que crêem nele.

O verbo *dar graças* remete à conotação celebrativa,²⁰⁷ de gratidão e reconhecimento do que se recebe e se pode dar para enaltecer a vida de todos, de cada ser humano. O ato de Jesus receber os pães de cevada, fruto da terra e do trabalho humano, e ter dado graças e distribuídos aos convivas remete à comensalidade Eucarística – celebração do Mistério Pascal de Jesus Cristo.

²⁰⁵ GIRARDO, Cesare. *Num só Corpo*, p. 147.

²⁰⁶ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio*, p. 447.

²⁰⁷ Cf. GIRARDO, C. *Num só Corpo*, p. 147.

4.1.7 Jesus serve os comensais: “*distribuiu aos presentes, assim como os peixinhos...*” (v. 11)

Jesus distribuiu os pães aos presentes, isto é, *serviu à mesa*. João simplificou tal ação, omitido verbo “partiu”, implícito no verbo dar, não diminuindo seu sentido, mas reforçando a atitude de Jesus: o servidor. Jesus serve os comensais “tanto quanto queriam” (6,11), até que todos ficassem saciados (cf 6, 12). Jesus, portanto, faz o papel do anfitrião que oferece a refeição e ao mesmo tempo o que serve a “mesa”, isto é, “desempenha o papel de empregado, e todos compartilham a mesma comida como iguais”.²⁰⁸ Também, podemos dizer que assume o papel da mulher, pois era de costume a mulher ou o empregado servir a mesa, no tempo de Jesus histórico e em diferentes culturas. Jesus aponta para uma comensalidade que define uma nova maneira de se relacionar e conviver. Ele dá o exemplo de como se faz uma verdadeira comensalidade eucarística.

Jesus, portanto, toma nas mãos o pão de cevada (cf. 6,9. 11), o alimento cotidiano do ser humano e manifestar sua dádiva – o Pão, por excelência. É o pão “que desceu do céu” (6,50), pão autêntico, verdadeiro (6,32).²⁰⁹ O pão da vida (6,35^a. 48). Jesus é o verdadeiro profeta e messias que realiza as expectativas do povo, em Deus.

A comunidade joanina parece que continuou exercendo as mesmas práticas de Jesus, pelo testemunho ocular do Discípulo Amado. O ato de comer junto o pão passou a ser espaço de convivência, de construção de novas relações e compromisso com um novo jeito de ser no mundo, a partir de Jesus. Aos poucos a comunidade do Discípulo Amado foi resignificando sua fé em Deus, interpretando os feitos de Jesus, do Verbo feito carne (cf. Jo 1,14). Crer em Jesus significa agir como ele. Abrir espaço para que todos possam se achegar à mesa e comer do mesmo pão. Relacionar-se com diferentes tipos de pessoas e servi-las na generosidade em seu amor. Portanto, comer junto um mesmo pão, um pão eucarístico, passou a ser o mesmo que comer a *carne* de Jesus (cf. 6,55). Ele é o alimento verdadeiro da comensalidade eucarística.

4.1.8 Jesus serve os convivas: “... *tanto quanto queriam*” (v.11)

²⁰⁸ CROSSAN, J.D. *Jesus*, p. 188.

²⁰⁹ Cf. GOPPELT, L. *Teologia do Novo Testamento*, p. 516.

Jesus se envolve com a humanidade, especialmente com as pessoas necessitadas de ajuda e que se aproximam dele. Serve o pão aos convivas generosamente. Jesus não retém nada para si, dá abundantemente o que possui. Oferece o que recebe e assim saciando a fome de toda pessoa humana. Na mesa de Jesus há abundância, não falta o pão. Isso indica que o que ele dá ou serve é duradouro, nunca se esgota e todos que o desejam têm acesso, sejam elas crianças, jovens, adultos e idosos ou mulheres e homens. Jesus, através do seu modo de agir vai formando os verdadeiros discípulos e discípulas e constituindo a comunidade em seu nome.

Jesus, na Galiléia, parece ter antecipado a ceia messiânica do fim dos tempos, pelas suas ações com os pães de cevada, em benefício da multidão. E tudo indica, também, que “o cristianismo primitivo continuou a práxis de Jesus: na eucaristia os cristãos e cristãs tinham consciência de ser participantes do festim messiânico”.²¹⁰

4.1.9 Jesus cuida do alimento servido à mesa: “Recolhei os pedaços que sobraram para que nada se perca.” (v. 12)

Jesus manifesta sua preocupação e cuidado com os pães deixados pelos comensais, os *pedaços* ou *fragmentos* que sobraram, *para que nada se perca* (6,12). Tal pedido pode indicar que o pão é um alimento importante na vida das pessoas e que não se pode ser desperdiçado.

Jesus toma os pães de cevada, o alimento do simples e do pobre, e faz uma refeição completa (cf.6,12-13), na qual todos ficam satisfeitos. O ato de comer tais pães, em comunidade, passa a ter um novo sentido. A comensalidade do pão passa ser sinal visível da presença atual e atuante de Jesus entre nós (cf. 6,35. 48.51). Por isso, não basta prender-se ao pão material e ao gesto apenas, mas é preciso fazê-los sim em “memória”²¹¹ daquele que serviu aos pães de cevada (cf. 6,11) e se fez carne (cf. 6,51), o doador da vida, Jesus (cf. Jo 10,15b). Tal comensalidade feita por Jesus leva-nos a rever nossas próprias práticas eucarísticas hoje.

²¹⁰ THEISSEN, G. & MERZ, A. *O Jesus Histórico*, p. 437.

²¹¹ Cf. TAVARES, S.S. Liturgia: lugar da teologia – a relevância de um artigo princípio. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, p. 5-25; Cf. KUNTATH, P.A. A Eucaristia e a Igreja como missão. In: *Teocomunicação* - v. 33, p. 216-217.

O Ev. de João remete ao passado em vista do presente, isto é, dos leitores contemporâneos. A comunidade existe para continuar a obra de Jesus no mundo, em unidade com ele; dela nasce a fé no mundo e seu amor está presente na humanidade.²¹² O pão é um dos símbolos da comunidade joanina que significa a vida que Jesus comunica àquele e àquela que crê.²¹³ O *comer* (cf. 6,51) do pão marca o sentido material do Sinal, como que insistindo no prolongamento da encarnação de Jesus na eucaristia.²¹⁴ A partir desses elementos destacados chegamos à compreensão de o Sinal dos pães deve ser entendida em duplo sentido. Neste sentido, apresentaremos o significado do Sinal dos Pães.

4.2 O Significado dos Pães

Os pães estão ligados à “pessoa” de Jesus Cristo. O maná dado aos “pais” antepassados, por meio de Moisés, em Jesus Cristo, é infinitamente superado pelo “Sinal dos pães” (cf 6,31-35.53-58). As ações libertadoras de Moisés no Êxodo estão de forma mais evidente nas ações, palavras e gestos de Jesus, o verdadeiro profeta e messias.

“O sinal do pão, prefigurado por Moisés e os profetas, é elevado a seu sentido supremo por Jesus. O evangelista Mc nos faz ver seu sentido de práxis comunitária. Jo focaliza a própria práxis da vida de Jesus, dada pela vida do mundo e centro da celebração eucarística. Jesus nos dá em alimento sua carne - sua palavra e sua práxis, enfim, sua pessoa, que encarna o ensinamento de Deus. E este alimento torna-se, em nós, eficazes e transformador em longo prazo, não conforme os parâmetros da ‘carne’ limitada, mas em virtude do Espírito de Vida de Deus, que não conhece limite. Assim torna-se “pão da vida [da era] eterna”, alimento que nos faz viver hoje e sempre, no âmbito de Deus”.²¹⁵

Jesus se serve do elemento terreno para simbolizar o celestial.²¹⁶ Diz: “não foi Moisés quem vos deu o pão do céu, mas é meu Pai que vos dá o verdadeiro pão do céu; porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo” (Jo 6,32b-33). Suas ações com os pães de cevada parecem apontar para uma nova Páscoa, pois tudo acontece num

²¹² Cf. MATEOS, J. & BARRETO, J., *Vocabulário*, p. 78.

²¹³ Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João II*, p. 75.

²¹⁴ BOROBIO, D. *Eucaristía*, p. 46.

²¹⁵ KONINGS, J. *Evangelho segundo João*, p. 165s.

²¹⁶ Cf. BROWN, R.E. *Introdução*, p. 512.

período “próximo à Páscoa” (v. 4). Porém, a menção explícita do tema da Páscoa poderia servir de introdução ao discurso que segue o Sinal dos pães.²¹⁷

“E não há motivo algum para que, como fato histórico, o acontecimento ao qual se refere esta passagem não se tenha realizado por volta do tempo pascal. E o ouvinte ou leitor cristão não poderia deixar de lembrar que a Páscoa Cristã é a Eucaristia, e é provável que o evangelista tencionasse logo de início dar uma indicação do significado eucarístico da narrativa que segue”.²¹⁸

No discurso do Pão da Vida, Jesus dá fundamentações de que o próprio pão é sua própria *carne*: “O pão que eu darei é a minha carne para que o mundo possa viver” (v. 51). Daí porque a comensalidade do pão se torna o Pão da vida. O verbo *dar* significa *entregar*. “Se para Paulo, a Eucaristia anuncia a morte do Senhor até que ele venha, no fim do mundo, João coloca ênfase sobre a Palavra que se fez carne e entregou sua carne e seu sangue para ser fonte de vida: uma proclamação da encarnação como ação salvífica”.²¹⁹

Como constatamos acima, no capítulo anterior, a narrativa do Sinal dos pães (6,1-15) comporta traços particulares que remetem a Eucaristia.²²⁰ No discurso vv.35-51^a, “Jesus é o pão da vida porque sua revelação constitui ensinamento de Deus (Jo 6,35), de modo que se deve crer no Filho a fim de obter a vida eterna”,²²¹ e nos vv. 51b-58 “Jesus é alimento em outro sentido, pois é preciso alimentar-se de sua carne e do seu sangue para obter a vida eterna”.²²² Podemos dizer então que Jesus é um alimento que dá vida aos seus seguidores e seguidoras. Ele é o Pão que, distribuído e comido junto com outros, forma sua comunidade *Amada*. A partir desta revelação e condição encontra-se o verdadeiro sentido da vida n’Ele (cf. 6,54), ou seja, da comensalidade do Pão eucarístico.

²¹⁷ BROWN, R.E. *Introdução*, p. 462

²¹⁸ DODD, C.H. *A introdução*, p. 434.

²¹⁹ BROWN, R.E. *Evangelho de João e Epístolas*, p. 68.

²²⁰ Cf. Brown, em nota de rodapé, nº 30, p.473 exemplifica: “o verbo *eucharistein*, no v. 11; *Klasma*, para *pedaços* (v.12; usado na descrição eucarística na Didaqué 9,4); *synagein* (v.12: “recolher”, do de sinaxe)” BROWN, R.E. *Introdução*, p. 473.

²²¹ BROWN, R.E. *Introdução*, p. 474.

²²² BROWN, R.E. *Introdução*, p. 474.

O pão significa o dom da pessoa de Jesus (cf. 6,51; analogamente 12,20-24) e seu gesto generoso o define doador de um alimento substancial, gerador. E seu gesto com os pães de cevada, para que todos pudessem comer juntos, igualmente, manifesta que o alimento pode congrega as pessoas e ser espaço visível da doação e do serviço e crescimento solidário. O dom do Pão eucarístico, no cap. 6, significa que Jesus é o pão da vida descido do céu (vv.33.50-51.58).

Entretanto, o pão não é mero efeito material, mas um significado revelacional, que pode ser simbólico: o “simbolismo em Jo, intimamente relacionado com a narração dos sinais, produz um efeito hermenêutico que leva a ver nos sinais mais do que meras façanhas ao modo dos taumaturgos helenísticos, e mais do que os sinais legitimadores dos profetas; eles constituem uma verdadeira manifestação velada da glória de Deus em Cristo”.²²³ O simbolismo em João é o dos próprios fatos, que brota da história, nela se enraíza e exprime seu sentido.

Portanto, Jesus, com seus gestos e palavras, de distribuir gratuitamente o pão à multidão realiza a verdadeira comensalidade Eucarística: *Pão servido, multiplicado*, que se fez carne oferecida (Jo 6,51); e, sobretudo, quando toma o lugar da vítima pascal – do cordeiro, e realiza o seu êxodo.²²⁴ Jesus, portanto, é o verdadeiro Pão que dá vida e esperança, ainda hoje. Mas frente a atual realidade global em que vivemos, tal comensalidade nos interpela a resignificar nossas ações, gestos e palavras, para avançarmos pastoralmente.

4.3 Conseqüência Litúrgica

Jesus é o Pão onde podemos saciar-nos gratuitamente. É o novo *Templo* (cf. Jo 2,21), onde todos podem chegar-se e sentar junto dele. Jesus é nova Páscoa para aqueles e aquelas que o aceitam, acreditam e participam da sua “mesa”. Este Pão, *feito carne*, pelas ações Eucarísticas, ainda hoje, é prolongamento da sua vida, de seus gestos e palavras na vida dos comensais crentes.

²²³ KONINGS, J. A memória de Jesus e a manifestação do Pai no quarto Evangelho. In: *Perspectiva Teológica*, p. 188.

²²⁴ Cf. LÉON-DUFOUR, X. et alii. *Vocabulário de Teologia Bíblica*, p. 722.

O fato de Jesus pedir aos discípulos para acomodar a multidão, e as pessoas sentarem-se juntas, num mesmo espaço (6,10), indica estar fazendo um convite ao convívio, e estabelecendo novas relações com ele e entre as pessoas. E o pão, que ele distribui ou serve à mesa, sacia abundantemente a fome de todo o ser humano, (cf. Jo 6,12. 35), indistintamente, não importando a etnia, o gênero e a crença.

O tema que proposto é abrangente e inesgotável. Temos ciência da sua complexidade e implicações, porém mencionaremos algumas reflexões referentes às ações litúrgicas da comensalidade Eucarística e novas interrogações para serem aprofundadas, num estudo posterior. Entretanto, apontaremos apenas três aspectos que nos parecem importantes, a partir do tema escolhido e desenvolvido, para as ações litúrgicas eucarísticas, hoje.

4.3.1 A preparação e o tempo litúrgicos na comensalidade Eucarística

O alimento para ser ingerido requer certa preparação. E mais, para se fazer uma refeição comunitária, se faz necessário envolvimento pessoal e coletivo, entre-ajuda, cooperação e tempo suficiente para que a partilha e a comensalidade possa ser realizada dignamente entre os convivas. Jesus. No Sinal dos pães, Jesus procede conscientemente estas ações com o pão, em favor de cada ser humano. Ele cria condições para que todos possam fazer a experiência de participar de sua “mesa”, através de uma refeição modesta, simples e completa.

A refeição servida por Jesus, é feita a partir de certa preparação (cf. 6,5-10). Não é feita de forma voluntarista. Suas ações são pensadas, preparadas e completas, de acordo com a realidade das pessoas ou grupo. Serve os convivas *tanto quanto quieriam*. Quando estavam saciados ou satisfeitos pede aos discípulos para recolher os pedaços sobrados (cf. 6,5-12), ou seja, “recolher a mesa”. Toda ação litúrgica requer um tempo especial, pois cada palavra e gesto são muito significativos, e para vivenciá-los dignamente precisa-se de preparação, tempo adequado à ação e envolvimento humano.

Jesus, no Sinal dos pães, manifesta-se agindo conscientemente e plenamente, em favor de todas as pessoas que acorriam a ele. O jeito de ele agir com o pão e se relacionar com as pessoas, leva-nos a interrogar sobre nossos costumes ao fazer a comensalidade

Eucarística.²²⁵ Como preparamos a “mesa”? Que tempo damos para cada ação litúrgica, particularmente, o ato de partilhar e comer junto, o Pão eucarístico? Como é o alimento que comemos? Como o comemos? Pela comensalidade Eucarística podemos mudar nossos hábitos e até preconceitos, em vista da uma autêntica vivência cristã, hoje?

4.3.2 Os gestos litúrgicos da comensalidade Eucarística

A Eucaristia contém ações, expressões e elementos significativos que propiciam interações humanas mais íntimas entre os comensais e com Deus, presente a partir das ações sacramentais sobre o pão. O ato de comer junto o Pão eucarístico é sinal mais visível da real presença de Jesus na comunidade reunida e unida. Tal ação deve, progressivamente, levar à transformação pessoal e coletiva, e permite aprofundar sempre mais a relação com Jesus, com outros seres humanos e com o cosmos. Estabelecendo assim autênticas relações de amor e fraternidade.

Toda vez que comemos do Pão eucarístico fazemos memória da vida de Jesus, seus gestos e palavras, e somos introduzidos cada vez mais na sua vida, no seu Mistério Pascal e, conseqüentemente, passamos a viver n’Ele (cf. Jo 6,51), nos comprometendo com a vida humana digna para todos. Pela comensalidade Eucarística, continuamente, somos impulsionados/as a agirmos criativamente com as dádivas divinas dadas por Ele, e assim criarmos e recriarmos novas relações, na reciprocidade, na solidariedade e amor, e um mundo de mais justiça e paz.

O pão que Jesus serve é dom de Deus Pai, por excelência. Ele, portanto é o Pão que sacia a fome de toda a humanidade. Jesus é um alimento inesgotável (cf. 6,35), que se dá inteiramente e abundantemente, pela entrega total de seu próprio corpo e sangue (cf. Jo 6, 53-56). O Pão se tornou o símbolo referencial da comunidade cristã.²²⁶ da refeição Eucarística. “O símbolo nunca é uma coisa; é uma operação humana”.²²⁷ Envolve as faculdades da pessoa humana, sua capacidade de se relacionar e de construir e reconstruir relações humanas dignas e solidárias, de transcender os fatos, as ações de Deus na vida cotidiana. Portanto, a comensalidade Eucarística pode estabelecer um espaço de novas

²²⁵ MÉNDEZ, A. F. Alimentação divina: gatroerotismo e desejo eucarístico. In: *Concilium*: Fome, Pão e Eucaristia, P. 11[163]-20[172]

²²⁶ Cf. KONINGS, J. *Evangelho segundo João*, p. 163.

²²⁷ FERNÁNDEZ, C. Conrado. A sacramentalidade da liturgia. In: *Manual de Liturgia II*, p. 99.

relações e estreitar as relações humanas iniciadas, e criar e se recriar a comunicação, a comunhão e compromisso solidário, em Jesus.

A “Palavra de Deus Pai não é apenas o que Jesus disse verbalmente, mas também os gestos de amor que realizou entre os seres humanos: quando curou os enfermos, deu alimento aos famintos,...”.²²⁸ Seus gestos expressam, portanto, sua ação litúrgica.²²⁹ E sempre que seu gesto for *feito carne* (cf Jo 1,14) em nosso agir, em favor de todos, especialmente, dos mais fracos, empobrecidos e desesperançados, estaremos fazendo Eucaristia, gerando transformação e participando já da vida eterna (Jo 6,51. 58), rumo a plenitude.

4.3.3 O alimento pão da comensalidade Eucarística

O pão quando posto à mesa parece “pedir” para ser partido e comido. E mais, quando tomado nas mãos, reconhecido como dádiva de Deus, fruto do trabalho do homem e da mulher, e repartido e ingerido, comunitariamente, passa a ter um outro sentido. E, com ele se pode criar e recriar comunhão e nos compromete com outros corpos humanos, famintos dum alimento material e espiritual. “Acreditamos que repartir o pão é partilhar Deus”.²³⁰ E esse gesto, ritualizado na Eucaristia, precisa estender-se sempre mais no cotidiano da vida do ser humano. Pois, todo “o gesto litúrgico, não é autêntico se não implica um compromisso de caridade”.²³¹ E “o pão que não se reparte não mata a fome, deixa de ser pão, e a vida se torna mais vida quando é vivida na convivência”.²³² Portanto, o pão que trazemos, repartimos e comemos juntos na Eucaristia é símbolo e sinal da vida, sustento da comunidade de fé e da fidelidade ao amor de Jesus.

Gregório de Nissa nos diz:

“Ao olhá-lo, vê-se em qualquer forma o corpo humano, porque o pão, ao penetrar no corpo, torna-se ele mesmo pão para fortalecer a fortaleza do corpo. O

²²⁸ FERNÁNDES, C. A sacramentalidade da liturgia. In: *Manual de Liturgia II*, p. 89.

²²⁹ Proveniente do grego clássico *leitourgia*, em sua origem o termo indicava obra, a ação ou a iniciativa assumida em favor do povo. *Liturgia*: In: *Dicionário de Liturgia*, p. 639.

²³⁰ BETTO, F. Fome Zero: um projeto ético-político. In: *Concilium: Fome, Pão e Eucaristia*, p. 7.

²³¹ CONCLUSÕES DE MEDELLIN. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 92.

²³² GUIMARÃES, Pedro Brito. Eucaristia e amor social. In: *Subsídio Teológico 5: Vinde e Vede!* 15º Congresso Eucarístico Nacional, p. 17.

pão material alude àquele espiritual; há neles uma identificação profunda. O corpo no qual Deus se encarnou nesta realidade, ao receber o nutrimento do pão, apontava ao mesmo (o pão), porque, na carne de Cristo, se reconheceu à característica própria de todo o ser humano; o corpo era sustentado pelo pão”.²³³

O pão trazido para a Eucaristia simboliza toda a vida do ser humano e do cosmos. Toda a realidade humana complexa é assumida por Jesus. Na Eucaristia atualizamos a vida de Jesus na nossa vida humana e vice-versa. Contudo, o alimento pão comporta força, energia, criatividade, alegria e os gestos de colaboração de toda a humanidade; mas também conota a acumulação de bens nas mãos de poucos, os planos perversos que levam à fome e à morte.

O pão é alimento e elemento essencial, indispensável na comensalidade Eucaristia. Nas comunidades primitivas cristãs, o pão era o alimento essencial da refeição comum, e essa era associada à Eucaristia (At 2,42-46; 27,35; 1 Cor 11,17-34). Ainda hoje, toda vez que fazemos o pão e levamos para a refeição Eucarística atualizamos a vida de Jesus em nossa vida e a nossa vida na vida dele. Daí porque o pão, da liturgia Eucarística, parece “pedir” nova forma para não comprometer as ações simbólicas litúrgica do mesmo. O elemento visível ou sensível (cf. SC 33) deve ajudar a introduzir o crente a penetrar no seu sentido profundo, do qual ele traz consigo e remete – o Pão da vida, o Corpo de Cristo (cf. SC 48).

O ato de comer junto o Pão Eucarístico ainda se faz numa perspectiva um tanto individualista e intimista, porém, acreditamos que tal ação pode ser mudada e conduzir os comensais para outras ações mais transformadoras, comunitárias e comprometidas com novas relações humana, geradoras de vida e esperança.

Concluindo, a perícopé analisada ao final (vv.14-15), deixa perceptível que os contemporâneos de Jesus demonstraram não entender o Sinal dos pães, porque esperavam um profeta e rei que fornecesse pão. Um Messias que ficasse com eles para resolver problemas que eles mesmos deveriam resolver. Parece que eles/as precisavam de conversão para entender as ações Jesus. Talvez, hoje, nós cristãos necessitamos também de conversão e abrimos às moções do Espírito de Deus (cf. Jo 3,6-8),²³⁴ para atualizar as ações de Jesus, em nosso tempo. Pois, a dimensão mais saliente da Eucaristia é do seres

²³³ CORBELLINI, Vital. A Eucaristia em São Gregório de Nissa. In: *Cadernos Patrísticos: A Eucaristia nos Padre e Madre da Igreja*, p. 105.

²³⁴ Cf. KONINGS, J. *Evangelho segundo João*, p. 163s.

humanos *comerem junto* o mesmo alimento, o Pão, ²³⁵ sem acepção de pessoas, e testemunhar tal gesto humano e divino na cotidiana vida.

Portanto, o ato de comer junto exprime bem a relação de comunhão que Deus estabelece conosco e nós com ele. Tal ato ou gesto pode e deve nos ajudar a crescermos nas relações fraternas, de partilha, da igualdade e do amor uns com os outros. ²³⁶ O cristão e a cristã que participam da comensalidade Eucarística é introduzido/a na vida de Jesus, no seu Mistério Pascal, ²³⁷ e nela aprende a tornar-se promotor/a da comunhão, da paz e da solidariedade em todas as circunstâncias da vida. Enfim, pela comensalidade Eucarística, constituímos comunidade de discípulos amados e discípulas amadas de Cristo, e assim testemunhar o verdadeiro amor de Deus, em Jesus Cristo, pela força do Espírito Santo.

²³⁵ CROSSAN, J.D. *Jesus*, p. 125s.

²³⁶ Cf. ARAÚJO, S. F. A Eucaristia: a refeição eucarística no evangelho de São João. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, p. 149.

²³⁷ Cf. KUNRATH, P.A. A Eucaristia e a Igreja como missão. In: *Teocomunicação*, p. 203-280.

CONCLUSÃO

Ao concluir a presente dissertação, deixo dito que no desenvolvimento da pesquisa fui tomando consciência da complexidade do tema escolhido e de suas implicações com outros. A tendência muitas vezes, era de estender-me para outros temas implicativos como a questão sacramental e simbólica. Porém, com esforço procurei permanecer centrada no objetivo proposto e responder apenas as questões feitas para esta dissertação.

Pela análise realizada, constatamos que as ações de Jesus, no Sinal dos pães, com o pedido aos discípulos para acomodarem as pessoas junto dele, o “tomar os pães”, o “dar graças”, o “dividir” ou “distribuir os pães aos presentes” e, depois, o pedido novamente aos discípulos para “recolher” os “pedaços que sobraram para que nada se perca” possuem profundas conotações Eucarísticas e apontam para uma comensalidade de mesma. As ações de Jesus em favor da multidão, ao ar livre, sentados numa grama, remetem para uma comensalidade onde todos têm acesso, e isso indica, portanto, uma relação de partilha tanto material como espiritual.

Também constatamos que Jesus, com seu gesto de tomar a iniciativa e distribuir os pães (cf. 6,5.11) à multidão sentada junto dele, muda de posição. Jesus tomou para si o papel não somente de empregado, mas da mulher. Ele serve, como qualquer dona de casa, a mesma refeição para todos. Com esta ação Jesus assume o ministério da *diaconia* [δίακονία], de servir os convivas, e com isso define também o agir de seus próprios seguidores e seguidoras: ao invés de ser servido é servidor, assim como faz na Última Ceia (cf. Jo 13,1-15) e na Cruz, pela entrega (cf. Jo 19,30) total de sua vida – a sua Páscoa.

Jesus é o protagonista das ações da comensalidade Eucarística no Sinal dos pães porque o aspecto que mais ressalta na narrativa é cristológico.

Percebi que a análise histórica crítica para interpretação bíblica requer tempo e paciência para estudar o texto no contexto, como também domínio de outras áreas do conhecimento para se fazer uma interpretação mais coerente e autêntica do próprio texto. Ciente disso, digo que na refeição que Jesus propõe e realiza – a multiplicação dos pães -

todos os seres humanos são convidados a sentarem-se em sua “mesa” e saciar-se do seu alimento. A partir da comensalidade ele manifesta-se como o “verdadeiro alimento” (cf. Jo 6,53-58), que dá vida e esperança. E que, desta forma, convida todos os convivas a se comprometerem com seus gestos e palavras de maneira comunitária, igualitária (cf. 6,5-12) e solidária. Através da comensalidade Eucarística são criadas e recriadas relações de mutualidade, reciprocidade e comunhão fraterna, fortalecendo assim a identidade cristã (cf. SC 10). O ato de comer junto o mesmo alimento envolve todas as pessoas numa relação de sentimentos de tolerância, de convivência e de entre-ajuda e que ainda exprime a identidade de ser ou não ser seguidor e seguidora de Jesus, o verdadeiro Profeta e Messias.

Após o evento do Sinal dos pães, vimos que Jesus retirou-se da multidão, porque muitos que haviam participado da refeição que ele serviu distorceram seus gestos e palavras (cf. vv.14-15) e, depois, até ficaram escandalizados ao convite dele para comerem do seu Pão, isto é, da sua própria *carne* (cf. 6,41. 51.60-66). Daí, porque o Sinal dos pães, no conjunto do cap. 6, em João, trouxe-nos um duplo significado: positivamente, a obra de Jesus, que é trazer Vida; e negativamente, o julgamento daqueles e daquelas que se recusam a comungar e se afastam deste Pão da Vida.

Hoje, os gestos Eucarísticos que fazemos denotam-se ainda intimistas, e com pouca expressão de comunhão e participação (cf. Puebla, 213). “Ainda não se dá atenção ao processo de uma inculturação da liturgia. Isto faz com que as celebrações sejam, ainda, para muitos, algo ritualista e privado que não os leva à consciência da presença transformadora de Cristo e de seu Espírito, nem se traduz em compromisso solidário para a transformação do mundo” (SD 43). Diante de tal realidade, acredito no potencial da força transformadora da comensalidade Eucarística como fonte de formação da comunidade cristã e meio de construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Sem essa comensalidade não existe a Igreja de Cristo.

Portanto, termino esta dissertação tendo a ciência de que o tema proposto não foi esgotado na sua grandeza e que as questões propostas e as que surgiram no decorrer da pesquisa carecem ainda de maior aprofundamento, bem como de novos investimentos. Finalizo na esperança de continuar os estudos em Teologia Bíblica na perspectiva litúrgica eucarística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Serafim F. A Eucaristia: a refeição eucarística no evangelho de São João. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, 2006 v. 66, fasc. 261, p. 143-150, jan. 2006.
- BARRETT, Charles K. *The gospel according to St John: an introduction with commentary and notes on the greek text*. 2. ed. London: SPCK, 1996.
- _____. *Il vangelo di Giovanni fra simbolismo e storia*. Collana della Facolta Valdese di Teologia – Clandiana. Tradizione di Bruno Corsani. Claudiana – Torino. Breve Studi- 4.
- BENÍTEZ, J. J. *O testamento de S. João*. (tradução Hermínio Tricca) São Paulo: Mercuryo, 1993.
- BIBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução da CNBB. São Paulo: Paulus, 2001.
- _____. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. Português. Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.
- BIBLEWORKS for Windows. Version 4.0.5 p [s.l.] Lótus, 1999. 1 CD_ROM.
- BINGEMER, M. C. L. Eucaristia e experiência de Deus: a importância da Eucaristia no atual contexto de busca do Sagrado. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2001, v.61, n. 244, p. 803-824
- BLANCHARD, Yves-Marie. *São João*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BLANK, Renold J. *Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição (Escatologia I)*. São Paulo: Paulus, 2000.
- BLANK, Josef. *O Evangelho segundo João (4v.)*. São Paulo: Vozes, 1990.
- BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível, v.3: comer e beber juntos e viver em paz*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BOHN GASS, I. *Uma introdução à Bíblia: As comunidades cristãs a partir da primeira geração*. v.7. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos, 2005: São Paulo: Paulus, 2005.
- _____. *Uma introdução à Bíblia: as comunidades cristãs a partir da segunda geração*, v. 8. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos, 2005: São Paulo: Paulus, 2005.
- BOOR, de Werner. *Evangelho de João I: Comentário Esperança*. 2 ed. (Tradução Wernwe Fuchs) Curitiba: Esperança, 2002.
- BORN, A. Van Den. (Org.) *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BOROBIO, Dionísio. *Eucaristia*. Sapientia Fidei. (Série de Manuales de Teologia) Madrid: BAC, 2000.

BORTOLINI, José. *Como ler o evangelho de João: o caminho da vida*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

BUYST, Ione. *Símbolos na liturgia*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. *Celebrar com símbolos*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

BUYST, Ione; SILVA, J. Ariovaldo da. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. n.9. Teologia Litúrgica I. Siquem: Catequéticas y Litúrgicas, 1994.

BROWN, Raymond E. *El evangelio según Juan I-XII*. Madrid: Cristiandad, 1979.

_____. *A comunidade do discípulo amado*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *Evangelho de João e epístolas*. São Paulo: Paulinas, 1975.

_____. *Introdução ao Novo Testamento*. (tradução Paulo F. Valério) São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção Bíblia e história. Série Maior)

BROWN, Raymond E., et alii. *Comentário Bíblico "San Jerónimo"*. Tomo V. Madrid: Cristiandad, 1972.

BROWN, R.E; FITZMYER, Josef A.; Murpfy, Roland E. *Nuovo Grande Comentario Bíblico* Edizione italiana a cura di: DELLA VECCHIA, Flávio; SEGALLA, Giuseppe; VIRONDA, Marco. Brescia: Queriniana, 1997.

CASALEGNO, Alberto. "A minha carne para a vida do mundo": considerações sobre a dimensão eucarística de Jo 6,1-71. *Revista Perspectiva Teológica* - Belo Horizonte MG. Ano XXXII, nº 87, p.241-257, Maio/Ago, 2000.

CATECISMO da Igreja Católica. 6 ed. São Paulo: Vozes: Paulinas: Loyola, Ave-Maria, 1993.

COENEM, Lothar. BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Vol. I e II. Tradução: Gordon Chown. 2 ed. São Paulo. Vida Nova, 2000.

COENEN, L.; BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H.. *Dizionario dei concetti biblici del nuovo testamento*. 4. ed. Bologna: EDB, 1991.

COMPÊNDIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Sacrosantum Concilium*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CELAM. *A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina*. 2 ed. - Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. *Conclusão de Medellín*. 7. São Paulo: Paulinas, 1984. (Coleção: Sal da terra-7)

_____. *Manual de liturgia II: a celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos*. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. *Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã - Santo Domingo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

CHARPENTIER, E. *Os Milagres do Evangelho*, 2 ed., (tradução Álvaro Cunha). Cadernos Bíblicos-16. São Paulo: Paulinas, 1982.

CONCILIUM. Fome, Pão e Eucaristia. *Revista Internacional de Teologia*. n. 310 – Vozes, 2005/2.

CORBELLINI, Vidal. A Eucaristia em São Gregório de Nissa. *Cadernos Patrísticos – Textos e Estudos*. A Eucaristia nos Padres e Madres da Igreja. Florianópolis, Ano I, n.1, p.101-109, maio. 2006.

CROATO, J. Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: Uma interpretação à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

CROSSAN, John Dominic. *Jesus: uma biografia revolucionária*. (tradução: Júlio Castañon Guimarães). Rio de Janeiro: Imago, 1995.

DATTLER, Frederico. *Sinopse dos Quarto Evangelhos*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

DODD, Charles Harold.. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. 8. ed. Tradução: José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *La Tradición Histórica en el cuarto Evangelio*. Madrid: Cristiandad, 1978.

ESTUDOS BÍBLICOS. *Messias e Messianismo*, n. 52. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1997.

FABRIS, R. & MAGGIONI, B. *Os Evangelhos (II)*. São Paulo: Loyola, 1992. (Col. Bíblia Loyola 2.) (Tradução Giovanni di Biasio(Lc) e Johan Konings (Jo))

FERNÁNDEZ, C. Conrado. A sacramentalidade da liturgia. In: *Manual de Liturgia II- CELAM*. São Paulo: Paulus, 2005.

GAEDE NETO, Rodolfo. *A Diaconia de Jesus: Contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus: CEBI, 2001.

GALVÃO, Marícia Lopes. *O encontro de Jesus com a Samaritana: Estudo bíblico-teológico de Jo 4,1-42*. Dissertação (Mestrado Teologia Bíblica) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GIRAUDO, Cesare. *Num Só Corpo: tratado mistagógico sobre a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.

GOMES, José Almy. A Eucaristia em São Justino. *Cadernos Patrísticos – Textos e Estudos*. A Eucaristia nos Padres e Madres da Igreja. Ano I- N° 1. Maio. Florianópolis, 2006. p 51-59.

GONZALEZ, Paula. Living in a Eucharistic Universe. *Earth Light – Journal for Ecological & Spiritual Living: Food, Sacrament, Cosmos*. v.14, n.1, Issue 50, Spring 2004.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

GUIMARÃES, Pedro Brito. Eucaristia e amor social. *Subsídio Teológico* 5: Vinde e vede! 15º Congresso Eucarístico Nacional. São Paulo: Paulinas, 2006.

GUIMARÃES, Marcelo. Sonhos de abundância num mundo de famintos: novas questões para a prática eucarística das comunidades a partir do livro “O Jesus Histórico”. *Revista de Liturgia*, n.129, maio/junho. São Paulo, 1995.

HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos Símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulus, 1994.

JACOB, Heinrich E. *Seis mil anos de pão: a civilização humana através de seu principal alimento*. (Tradução José M. Justo). São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

JAUBERT, Annie: *Leitura do evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 1982.

JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*. (Tradução: João Rezende Costa) São Paulo: Paulus, 2004.

JOÃO PAULO II, *Encíclica do Santo Padre sobre a eucaristia na sua relação com a Igreja*. São Paulo: Loyola, 2003.

KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João: Amor e Fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Encontro com o quarto evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. A Memória de Jesus e a Manifestação do Pai no Quarto Evangelho. *Perspectiva teológica* - Belo Horizonte. Ano XX, nº 51, p. 177-200. Maio/Ago., 1988.

KÜMMEL, Werner Georg. *Síntese Teológica do Novo Testamento*. De acordo com as testemunhas principais: Jesus, Paulo, João. 4 ed. (Tradução: Sílvio Schneidaer e Werner Fuchs) São Paulo: Paulus, 2003.

LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João I: Palavra de Deus*, São Paulo: Loyola, 1996.(Bíblia Loyola 13).

_____. *Leitura do Evangelho Segundo João II*. São Paulo. Loyola, 1996. (Col. Bíblia Loyola 14)

_____. *Leitura do Evangelho Segundo João III*, São Paulo: Loyola, 1996.(Bíblia Loyola 15).

_____. *Leitura do evangelho segundo João IV*. São Paulo: Loyola, 1996.(Bíblia Loyola 16).

_____. *Condividere il pane eucaristico secondo il Nuovo Testamento*. Torino-Leumann: Edifrice Elle di ci, 1983.

LÉON-DUFOUR, Xavier et alii (Eds). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. 7 ed.(Tradução de Fr. Simão Voigt) Petrópolis: Vozes, 2002.

LEVORATTI, Armando J. et alii (Eds). *Comentário Bíblico Latinoamericano do Nuevo Testamento*. Estella: Verbo Divino, 2003.

LOHSE, Eduard. *Contexto e ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000.

LORSCHIEDER, A. A Eucaristia e missão. *Convergência*. Ano XXXVI, n. 345, p. 416-425. Setembro, 2001.

MARTINI, C.M. *O evangelho segundo João: na experiência dos exercícios espirituais*. São Paulo: Loyola, 1984.

MATEOS, J.- BARRETO, J. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. *O Evangelho de São João: análise lingüística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989.

MATEOS, J. & CAMACHO, F. *Evangelhos, figuras e símbolos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

MESTERS, Carlos, et alii. *Raio_X da Vida: Círculos Bíblicos de Evangelho de João*. Série: A Palavra na Vida, n. 147/148. São Leopoldo: CEBI, 2000.

METZGER, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. London: United Bible Societies, 1975.

MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F.M. *Dicionário Bíblico Universal*. 2 ed. São Paulo: Vozes: Aparecida, 2003.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 27 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2001.

O'CALLAGHAN, José (Org) *A Formação do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000.

O'DAY, Gail R. et alii. *The New Interpreter's Bible*.v IX , Luke – John. Nashville (Tennessee -EUA): Abingdon Press, 1995.

PEREIRA, Ney Brasil. O Pão da Vida. *Subsídio Teológico 4*. Vinde e vede:15º Congresso Eucarístico Nacional. São Paulo: Paulinas, 2006.

PIXLEY, J. O império no evangelho segundo São João. *Revista Internacional Bíblica Latino-americana*. Petrópolis, n.48, p.100-110, 2004/2.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA: *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1994.

RAMOS, Filipe Fernandez. *Simbolismo del Templo em el Cuarto Evangelio*. Extrato de la tesis doctoral em la Facultad de Teologia de la Universidad Pontificia de Salamanca. Dia 6 de abril de 1962.

REIMER, I. R. O pão na crise: alimentando a resistência criativa. *Estudos Bíblicos*, n. 42, p. 71-77. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1994.

REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA. *Liturgia: lugar da Teologia*. Petrópolis: Vozes, v.66, n.261, jan. 2006.

REVISTA INTERNACIONAL BÍBLICA LATINO-AMERICANA. *A Tradição do Discípulo Amado: Quarto Evangelho e cartas de João*. Petrópolis: Vozes, v. 17, 1994.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. (Tradução Irineu Rabuske). São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Bento S. *Fé e Sacramentos no Evangelho de São João*. Aparecida: Santuário, 1995.

SARTORE, D., TRIACCA, A.M. *Dicionário de Liturgia*. (Tradução Isabel F.L. Ferreira). São Paulo: Paulinas, 1992.

SCHIWY, Günther. *Introduzione al Nuovo Testamento*. Commento, materiale e documenti storici. Vol. 2. Roma: Città Nuova, 1973.

SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio Según San Juan*. II Versión y comentario. Tomo II, Barcelona: Herder, 1980.

_____. *Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos*. (Tradução Guido E.) Wenzel. São Leopoldo, Unisinos, 2001.

SHREINER, J.; DAUTZENBERG, G. *Forma e Exigências do Novo Testamento*. Tradução: Benôni Lemos. 2 ed. São Paulo, Paulus, 2004.

SILVA, Cássio Murilo Dias da; et alii. *Metodologia de exegese bíblica*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

SÍNODO DOS BISPOS – XI ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA. *A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. Instrumentum Laboris. N.19. São Paulo: Paulinas, 2005.

SOUZA, Marcelo de Barros. *Celebrar o Deus da Vida: tradição litúrgica e inculturação*. São Paulo: Loyola, 1992.

VAN DEN BORN, A. (Org). João (Evangelho). In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 4 ed.. Petrópolis: Vozes, 1987.

VAN DEN BUSSCHE, Henri. *Giovanni: commento del vangelo spirituale*. 2.ed. Assisi: Cittadella, 1971.

TEOCOMUNICAÇÃO. Porto Alegre: Epipucrs. *A Eucaristia e a Igreja como Missão*. Revista trimestral de Teologia, v.33, n.140, jun. 2003, p.201-448.

_____.Porto Alegre: Epipucrs. A visão da Eucaristia no período pós-niceno. Revista Trimestral de Teologia, v. 36, n.151, março 2006, p.001-295.

THEISSEN.G, & MERZ, A. *O Jesus Histórico: um manual*. (tradução: Milton C. Mota e Paulo Nogueira) São Paulo: Loyola, 2002.(Col. Bíblica Loyola 33)

TUÑÍ, J. O. & ALEGRE, X. *Escritos joaninos e cartas católicas*. Introdução ao estudo da Bíblia, v. 8. São Paulo: Ave-Maria, 1999.

TUÑÍ I VANCELLS, J.O. *Jesús en Comunidad: el Nuevo Testamento, medio de acceso a Jesús*. Barcelona: Sal Terrae, 1988 (Col. Presencia teológica).

_____.*O Testemunho do Evangelho de João*. Petrópolis: Vozes, 1989.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia*. 4 ed. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus, 2005.

YOUNGBLOOD, Ronald F. (Ed.Geral). *Dicionário Ilustrativo de Bíblia*. Edição Vida Nova, 2004.

ANEXO

O quadro abaixo apresenta as ações de Jesus com os pães. A comparação é feita com a subdivisão especial em grego Jo 6,11 em relação às narrativas sinóticas da multiplicação dos pães e da Última Ceia (Mc 14,22; Mt 26,26; Lc 22,19; 1Cor 11,23-24).²³⁸ Sinótico I corresponde à primeira narrativa (Mc 6,41; Mt 14,19) e Sinótico II a segunda narrativa (Mc 8,6; Mt 15,36).

v.11	Sinótico I (Mc 6,41; Mt 14,19)	Sinótico II (Mc 8,6; Mt 15,36)	João (6,11)	Última Ceia (Mc, Mt, Lc e Paulo)
11 a.	e tomando os cinco pães e os dois peixes (ἰχθύας)	Mt: tomou os sete pães e os peixes (ἰχθύας) Mc: tomando os sete pães	Tomou então Jesus os pães	Mc, Mt e Lc: e tomou o pão. Paulo: tomou o pão;
11 b.	elevou os olhos ao céu			
11 c.	abençoou (εὐλόγησεν)	depois de dar graças (εὐχαριστήσας)	depois de dar graças (εὐχαριστήσας)	Mc e Mt (sobre o pão): (εὐλόγησεν) Lc e Paulo (sobre o pão) e Todos sobre o vinho: e (εὐχαριστήσας)
11 d.	e partiu /partindo (os pães)	partiu-os		partiu-o
11 e.	e deu (os pães) (ἔδωκεν / ἔδίδου) aos discípulos	e deu (os pães) (ἔδίδου) aos discípulos	distribuiu (διέδωκεν) aos presentes	Mc; Mt e Lc: e deu a (ἔδίδου) eles/ discípulos
11 f.	Para que os distribuíssem à/s multidão/ões	Mc: mandou que os distribuíssem também. Mt: e os discípulos à multidão.		

²³⁸ Cf. BROWN, R.E. *El evangelio según Juan*, p. 460s.